

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM LITERATURA COMPARADA**

EMMA BOVARY: ENTRE LIVROS E ROMANCES

MILA THAYNÃ SUASSUNA FERNANDES

NATAL
JULHO / 2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E
ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
LINGUAGEM MESTRADO EM LITERATURA COMPARADA**

**EMMA BOVARY: ENTRE LIVROS E
ROMANCES**

Dissertação submetida à banca examinadora como requisito para a obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MILA THAYNÃ SUASSUNA FERNANDES

Orientador (a): Prof. Dra. Katia Aily Franco de Camargo

NATAL
JULHO / 2016

Universidade Federal do Rio Grande do
Norte - UFRN Sistema de Bibliotecas -
SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Fernandes, Mila Thaynã Suassuna.

Emma Bovary : entre livros e romances / Mila Thaynã
Suassuna Fernandes. - 2016.
60 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande
do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa
de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, 2016.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Katia Aily Franco de Camargo.

1. Mulheres - Livros e leitura. 2. Flaubert, Gustave, 1821-
1880 - Madame Bovary. 3. Emma Bovary (Personagem literário).
4. Leitura. 5. Ficção. I. Camargo, Katia Aily Franco de. II.
Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 82.09

MILA THAYNÃ SUASSUNA FERNANDES

EMMA BOVARY: ENTRE LIVROS E ROMANCES

Dissertação submetida à banca examinadora como requisito para a obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Aprovada em 01 de julho de 2016.

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) KATIA AILY FRANCO DE CAMARGO, UFRN
Orientadora

Prof.(a) Dr.(a) VALERIA AUGUSTI, UFPA
Examinador Externo à Instituição

Prof. Dr. CARLOS EDUARDO GALVAO BRAGA, UFRN
Examinador Externo ao Programa

NATAL
JULHO / 2016

“O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba; mas havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará. [...] Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior deles é o amor.”

(1 Coríntios 13. 4-8, 13)

AGRADECIMENTOS

De maneira muito sábia, me foi dito que o ofício do pesquisador é um trabalho bastante solitário. Contudo, ao longo do processo da pesquisa descobri que ele também pode ser bastante solidário. Encontrei tantas pessoas dispostas a me ajudar que seria muita ingratidão não trazer à tona esse reconhecimento. Geralmente se faz isso elencando os nomes daqueles que trouxeram alguma contribuição. Gostaria de fazê-lo em grupos representativos.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pois nos momentos em que estive mais sozinha, foi Ele a única companhia que nunca me deixou. E sei que nunca me deixará;

Aos meus pais, irmãos (Thomas e Bárbara) e família por nunca deixarem de acreditar em mim e serem meu suporte de todas as maneiras possíveis. Por seus ouvidos tão disponíveis em momentos tão inusitados. Suas palavras, gestos e cuidados trouxeram luz nos momentos de escuridão e me serviram de combustível para chegar até aqui;

À minha família em Cristo, meus mais estimados amigos aqui representados por Sara, Carol e Theresa, agradeço pelas orações e pela delicadeza em me deixarem falar tanto sobre uma certa francesa do século XIX que nunca pensaram que seria tão presente em suas vidas. Obrigada por me resgatarem do meu “mundinho”, quando necessário, e por respeitarem quando precisei me isolar;

Aos professores, colegas de curso e funcionários do PPgEL, pelos conhecimentos compartilhados, as conversas e toda a assistência necessária para cumprir meu trabalho;

À minha orientadora, Katia Camargo, a quem também posso chamar de amiga, que pacientemente me conduziu até aqui, suportando uma longa jornada junto comigo, me motivando, esclarecendo dúvidas, dando conselhos e broncas que muito me serviram. Essa história não começou aqui. Seu acolhimento e investimentos não são de hoje, e eu me lembro de cada um deles. Nada foi em vão. Levarei tudo para a vida.

A todos vocês, gostaria de honrá-los como se deve: meu muito obrigada!

RESUMO

O século XIX consolidou o romance moderno enquanto gênero, e logo, este recebeu a função de servir como fonte de entretenimento. Porém, não muito tempo após seu surgimento, o romance se transformou em uma importante ferramenta para instruir acerca da moral e dos bons costumes, imprimindo, inclusive, algum traço de refinamento nas sociedades. A leitura de romances passou a ser um dos principais passatempos entre as mulheres desse período, sendo, também, o principal meio de instrução para elas, mesmo que nem todos os tipos de textos fossem recomendados às leitoras. Levando em consideração essa discussão sobre os tipos recomendados e os tipos perigosos à leitura feminina, o presente trabalho busca estudar o romance *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, mais especificamente a personagem-título, Emma Bovary, e seus hábitos de leitura. O foco da análise consiste em observar como a leitura de textos literários, em especial dos romances, contribuiu para a formação e o desenvolvimento da concepção de mundo e do imaginário da protagonista, no que concerne à busca da felicidade no amor e no casamento. Tendo em vista essas questões, consideramos relevante verificar em que nível a educação literária de Emma Bovary é determinante na formação de seu caráter e de sua personalidade, pois ao longo da narrativa, nos deparamos com alguns textos/autores lidos pela protagonista, portanto, julgamos valioso observar o material de leitura com o qual a personagem se instrui e como ele se relaciona com suas ações.

Palavras-chave: História da Leitura; Imagologia; Leitura de romances; Emma Bovary.

ABSTRACT

The nineteenth century consolidated the modern novel as a genre, and as soon as possible, it received the function of serving as a source of entertainment. However, not long after its conception, the novel has become an important tool to teach about morals and good manners, developing even some trace of refinement in societies. Reading novels has become one of the main spare-time activities among women of that period, and also the main instruction media for them, even if not all types of texts were recommended to female readers. Taking into account the discussion on the recommended and dangerous types of women reading this paper seeks to study the novel *Madame Bovary* (1857) by Gustave Flaubert, specifically the title character, Emma Bovary and her reading habits. The focus of the analysis is to observe how the reading of literary texts, especially novels, had contributed to the formation and development of the way of seeing the world and the protagonist's imaginary, regarding the pursuit for happiness in love and marriage. Given these issues, we consider relevant to establish at what level the literary education of Emma Bovary is crucial in the constitution of her character and her personality, because throughout the narrative, we come across some texts / authors read by the protagonist, so we consider valuable to take a closer look at the reading material with which the character is instructed and how they relate to her actions.

Keywords: History of Reading; Imagology; Reading Novels; Emma Bovary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. PARTE - AS MULHERES E A LEITURA.....	09
1.1 Mulheres que leem.....	09
1.2 O Bovarismo e a Literatura	11
2. PARTE - EMMA BOVARY	20
2.1 Trajetória da personagem	20
2.2 Emma Bovary, leitora	26
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

Durante os séculos XVI e XVII o teatro e a música ocupavam posições de destaque na vida cultural das pessoas de todas as camadas sociais na França. Nos séculos seguintes, a literatura entra na disputa pela preferência em meio às expressões artísticas disponíveis e encontra cada vez mais espaço à medida que se expande o número de leitores, alcançando o auge de sua representatividade no século XIX¹. Nesse período, sua função primeira é servir de entretenimento, com narrativas romanescas trazendo histórias de heróis e heroínas² em circunstâncias críticas, façanhas fantásticas³, além de personagens com feitos maléficos. Seu maior expoente é o romance, gênero que ascende enquanto tal em meados do século XVIII, na Inglaterra. Logo o romance assume a função de ensinar acerca da moral e dos bons costumes⁴, tentando imprimir nas sociedades traços de refinamento dos modos, ainda que não fosse um objetivo declarado dos autores.

No início do século XIX, nem todos podiam comprar livros na França, por causa de seu alto custo, porém, ao longo de algumas décadas, esse número aumenta. Para ter acesso à leitura, as pessoas recorriam às bibliotecas – tanto convencionais, como circulantes (bibliotecas improvisadas, em que o comerciante destinava algumas prateleiras à venda e/ou ao empréstimo de livros, em meio aos produtos que comercializava) – aos gabinetes de leitura – que serviam como meio de acesso ao mundo da leitura e contribuíram, diretamente, para o aumento e a democratização dessa prática –, bem como ao empréstimo e à troca de livros entre as famílias, e à leitura compartilhada feita em voz alta⁵, muitas vezes na sala de estar, para todos os convivas da casa.

Vários meios de circulação e divulgação ajudaram o livro a chegar mais perto dos leitores, tais como os clubes de livros, as sociedades de leitura, além dos periódicos. Hobsbawm (2011) destaca que o crescimento do público leitor durante os séculos XVIII e XIX foi resultado de

¹ VASCONCELOS, 2002.

² A título de exemplificação temos os romances: *Robinson Crusóé*, *Pamela*, *Clarissa*.

³ A título de exemplificação temos os romances: *As Aventuras de Gulliver*, *Tom Jones*.

⁴ Romances tais como *Anna Karenina*, *Crime e Castigo*, *Madame Bovary*, problematizam questões sobre valores que moviam as sociedades que representavam.

⁵ No Brasil, temos os exemplos de José de Alencar em *Como e porque sou romancista*, e o de Machado de Assis em *A mão e a luva*.

transformações sociais, econômicas e políticas e de revoluções que ocorreram com rapidez a partir da metade do século XVIII, principalmente das Revoluções Industrial e Francesa.

Outro fator que contribuiu para o crescimento do público leitor foi a migração progressiva das populações que moravam no campo para a cidade. Com a concentração populacional nas cidades, a expansão da urbanização e o aumento da expectativa de vida, as pessoas contam com mais oportunidades para aprender a ler e a escrever. Hobsbawm descreve a França da seguinte maneira:

O mundo em 1789 era, portanto, para a maioria dos seus habitantes, incalculavelmente grande. A maioria deles, a não ser que fossem arrancados de seu pedaço de terra por algum terrível acontecimento, como o recrutamento militar, viviam e morriam no distrito ou mesmo na paróquia onde haviam nascido: ainda em 1861, nove em cada dez habitantes de 70 dos 90 departamentos franceses moravam no departamento onde haviam nascido. O resto do mundo era assunto dos agentes governamentais e dos boatos. Não havia jornais, exceto os pouquíssimos periódicos das classes média e alta – ainda em 1814 era de apenas 5 mil exemplares a circulação de um jornal francês -, e de qualquer forma muito pouca gente sabia ler. As notícias chegavam à maioria das pessoas por meio dos viajantes e do setor móvel da população: mercadores e mascates, artesãos itinerantes, trabalhadores de temporada, grande e confusa população de andarilhos que ia desde frades ou peregrinos até contrabandistas, ladrões e o populacho; e, é claro, através dos soldados que caíam sobre o povo durante as guerras e o aquartelavam nos períodos de paz. Naturalmente que as notícias também vinham através dos canais oficiais – pelo Estado ou pela Igreja.⁶

Na França, a educação obrigatória universal foi introduzida pela Revolução Francesa. A constituição revolucionária de 1791 decretou a instrução primária obrigatória para todos. Apesar dos esforços do governo para colocar esses princípios em prática, pouco pôde ser feito. Em 1793, a Convenção Nacional Francesa, fruto da Revolução de 1789, determinou que a língua francesa fosse a única língua da “república, una e indivisível”, e que as escolas, fossem públicas ou

⁶ HOBSBAWM, 2011, p. 32.

privadas, estivessem sujeitas ao estrito controle do governo nacional. Com a Restauração, esse sistema foi amplamente desmantelado, e a educação na França se tornou um assunto predominantemente da Igreja Católica.

A lenta estruturação de um sistema educacional francês foi um ponto que dificultou a apropriação da leitura por parte das camadas menos privilegiadas. Isso se deveu ao receio de que um povo letrado se tornasse um problema para a sociedade em geral. No que se refere ao nível político – trazendo ideias que poderiam incitar ações que iriam questionar ou mesmo confrontar as políticas do poder vigente, econômico – gerando atrasos e prejuízos por conta da substituição do tempo produtivo pelo tempo do ócio, destinado à leitura – como também ao nível cultural, por influenciar o gosto e os hábitos das pessoas.

Para as mulheres, o tempo destinado à leitura tendia a ser ainda maior que o dos homens, pois com as facilidades geradas pela proliferação de produtos manufaturados, por conta da primeira grande revolução industrial, ocorrida entre final do século XVIII e início do XIX, o tempo necessário para executar as tarefas domésticas passou a ser reduzido, entre as mulheres da classe média, sendo que nem todas que moravam nas cidades se ocupavam com essas tarefas. O tempo ante investido na realização dessas tarefas, pode ser convertido para outras. Logo a leitura de romances passou a ser um dos principais passatempos para elas, tanto para as que faziam parte da elite quanto para as que integravam a classe média, mas que tiveram algum contato com a educação e aprenderam a ler. Contudo, essa leitura de romances nem sempre foi considerada adequada às mulheres, sendo, inclusive, motivo de vergonha para algumas que os liam em segredo. Havia os tipos recomendados às senhoras e senhoritas de boa família, assim como aqueles que eram totalmente desaconselhados por possuírem má reputação, conteúdos que atentavam contra as virtudes, a moral e os bons costumes.

Os padrões narrativos que antecedem o romance moderno tratam de malandragem, contam histórias de criminosos, pícaros e prostitutas; literatura de viagem, representada por peregrinos, viajantes e piratas⁷; novelas de amor, com estórias romanescas⁸; e novelas, que se ocupavam de histórias ora com alto teor de moralismo sentimental, ora com paixões ilícitas, com

⁷ A título de exemplificação temos os romances: *As Viagens de Gulliver*, Jonathan Swift; *Candido, ou o Otimismo*, Voltaire.

⁸ A título de exemplificação temos os romances: *O Romance da Floresta*, Ann Radcliffe; *Júlia ou a Nova Heloísa*, Rousseau.

descrições, por vezes recheadas de erotismo⁹. Essas formas narrativas findam por influenciar o que Vasconcelos¹⁰ chama de linhas de força que iriam predominar no romance: “as histórias de movimento exterior, que lançam suas personagens no mundo em busca de um lugar, e os romances da vida interior, empenhados nos movimentos do coração e das emoções ou enredados em dilemas morais.”

A exemplo de Samuel Richardson, muitos autores passaram a adotar a estrutura de um enredo que se atinha a um conflito básico, em que os acontecimentos estavam todos atrelados ao propósito central. A concepção de sujeito também sofre mudanças entre o século XVIII e o XIX. De representante de uma nação ou de uma coletividade, o sujeito moderno passa a tratar da individualidade, a partir das contribuições do Humanismo renascentista, da Reforma e do Protestantismo, das revoluções científicas e do Iluminismo. Trata-se de uma reforma do “eu”, em que toda a narrativa se constrói a partir desse sujeito – que pode ser uma pessoa, um lugar, um sentimento etc. Nessa perspectiva individual, particular, predomina o “eu” cartesiano. Esse individualismo perpassa várias instâncias do romance, e verifica-se cada vez mais, por exemplo, a constância do uso de nomes próprios para identificar personagens, como também nos títulos dessas narrativas. Essa característica já antecipa que a história que será contada é a de Robinson Crusoe, na obra que recebe esse título, ou a história de Pamela, para a obra de Richardson, entre tantos outros exemplos.

É um sujeito muito mais próximo do real, com vícios e virtudes, que busca uma maneira de se relacionar consigo e com o mundo ao seu redor, apesar das inquietações que o cercam. Ele luta com e contra a sociedade, buscando uma identidade social que tem por princípio suas qualidades pessoais, baseadas na nobreza de caráter e de espírito e não mais na sua condição de nascimento. Sendo assim, é o homem comum que ganha voz e nos apresenta um universo que lhe é próprio. Contudo, ainda existe diferença entre o aspecto público e o privado, mesmo que o indivíduo tenha ganhado evidência, no romance, ela continua pertencendo a uma coletividade e possuiu direitos e deveres para com ela.

Vasconcelos nos fala de personagens que têm de enfrentar o desafio de “uma sociedade em mudança, cujos processos de migração e urbanização estimulam a mobilidade física,

⁹ A título de exemplificação temos os romances: *Ligações Perigosas*, Choderlos de Laclos.

¹⁰ VASCONCELOS, op. cit., p. 65.

geográfica e social e forçam-nas a encarar um mundo onde os padrões já não são mais universalmente aceites”¹¹. São essas mudanças que condicionam as transformações sofridas na concepção do sujeito e impulsionam as personagens a terem o desejo de mudar suas condições de vida.

Na Literatura, um exemplo bastante representativo desse sujeito pode ser encontrado no romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Esta narrativa conta a história de uma jovem francesa em busca de experimentar momentos e sensações como as encontradas nos romances que lê. Seu maior intento é viver um grande amor, e assim, alcançar a felicidade. No entanto, encontra no casamento com um médico de província um enfado que a consome, e muitas decepções, o que a faz passar por diversas situações de aprendizado sobre si mesma, e sobre o mundo.

Com a leitura de *Madame Bovary* podemos perceber como o autor revela um modo particular de enxergar a realidade francesa acerca de hábitos e costumes, valores éticos e morais, além de como as relações afetivas se estabeleciam em seu tempo. O autor revela, ainda, algumas nuances em relação ao casamento e ao amor, como por exemplo, a razão pela qual as mulheres necessitavam do casamento para garantir sua manutenção, demonstrando a dependência da mulher em relação ao homem nessa sociedade. Contudo, o tema da traição por parte da mulher não era amplamente discutido, principalmente sem que houvesse um posicionamento moral sobre o assunto.

Emma Bovary é a heroína romântica que Flaubert revela em traços que geralmente não são associados aos padrões reconhecidos nas mulheres do século XIX¹². Por isso, a leitura de *Madame Bovary* nos causou uma série de questionamentos. Dentre eles, destaca-se o fato de a personagem central desse romance ser leitora de obras literárias, em especial de romances, levando o leitor a encontrar, ao longo da narrativa, referências a diversos autores e livros.

¹¹ Id., *ibid.*, p. 39.

¹² Para compreender melhor a discussão sobre o padrão de comportamento feminino esperado em uma mulher do referido século, na França, conferir a descrição de Michelet, em *La femme*, 1860. Nesse estudo, o autor analisa e discute o papel e as funções da mulher francesa do século XIX, para com a sociedade, tais como filha, esposa, mãe, religiosa, etc. Verificamos que Emma Bovary não busca a felicidade conforme a descrição, pois como filha, pouco teve contato com a mãe, falecida quando Emma ainda era criança. Cuida do pai e da casa por não ter outra opção; como esposa, não se satisfaz com as tarefas domésticas nem com os cuidados com o marido por muito tempo. Ela não deseja ser cuidada e ser obediente ao marido; e como mãe, preferia nem ter gerado, ainda menos uma filha. A maternidade lhe é um tormento. Não são nessas funções que ela se encontra como mulher.

Por essa razão, a primeira questão que se coloca acerca desse fato diz respeito à relevância da leitura para Emma Bovary. Questiona-se, também, de que modo essa literatura contribuiu para formar a concepção de mundo dessa personagem feminina e de que maneira ela fazia uso dessa leitura. Influenciaria, a leitura de romances, sua personalidade e/ou conduta? Com isso, tomamos por objeto de análise esse romance, visando responder a duas perguntas acerca da protagonista: Quais eram os romances lidos por Emma Bovary? A leitura deles contribuiu para a construção da imagem de amor e casamento adotada pela personagem?

As obras de Gustave Flaubert são bastante estudadas principalmente em língua francesa e inglesa, com um número considerável também em língua portuguesa, em razão da relevância que suas obras alcançaram, e dos temas abordados pelo autor, geralmente relacionados ao comportamento social, tais como a solidão, o adultério e o suicídio. Essa característica de tratar de temas de caráter social, ao que parece, apresenta-se como uma das razões para que os romances de Flaubert tenham se perpetuado ao longo dos séculos, especialmente *Madame Bovary*, sua principal criação literária.

A ênfase das pesquisas sobre esse romance está concentrada em três eixos temáticos: no primeiro, temos estudos de cunho psicológico, como é o exemplo das pesquisas de Jérémy Perrin e de Sérgio Scotti¹³. Na pesquisa de Perrin, temos um estudo sobre como o ato comunicativo implica a percepção e o entendimento do sujeito, e em como isso pode levar a uma alienação social, enquanto na de Scotti, encontramos uma análise sobre a histeria, não só na personagem *Emma Bovary* como também em outros exemplos de mulheres que sofriam desse mal, de acordo com as premissas da psicanálise de Freud.

O segundo eixo temático que encontramos nas pesquisas sobre o romance de Flaubert trata de estudos sobre a riqueza da linguagem¹⁴ utilizada pelo autor. Na pesquisa de Gilles Philippe, a obra de Flaubert é analisada como moderna não somente pelo uso da linguagem isoladamente, mas por também tratar de um tema pouco explorado pela literatura, até aquele momento, o adultério feminino. Philippe defende que para dar conta da “novidade do tema”, a linguagem da narrativa teria que acompanhar o conteúdo.

¹³ A esse respeito, conferir textos tais como: *Dire sans entraves!*, disponível em: Flaubert [1969-6191] Perrin, Jérémy, ano: 2010; Acesso em: 16.03.2014. SCOTTI, Sérgio. Estrutura da histeria em *Madame Bovary*. SP: ed. Casa do psicólogo, 2003.

¹⁴ *La Modernité linguistique de Madame Bovary*, disponível em: MLN [0026-7910] Philippe, Gilles ano: 2008, vol. 122, fasc. 4, pág. 735 -745; Acesso em: 16.03.2014.

Já o terceiro eixo temático é composto por pesquisas que ressaltam as possibilidades de tradução¹⁵ desse romance. Deane Sharon afirma que o romance de Flaubert mais re-traduzido na Grã-Bretanha é *Madame Bovary*. A autora avalia como e quando essas re-traduições apareceram e qual a relação delas com o contexto sócio-econômico em que elas surgiram, enquanto Bottmann faz um levantamento das traduções brasileiras de obras de Flaubert, desde a data de publicação dessas até o ano de 2012. Esses são os principais eixos temáticos dos estudos sobre essa narrativa.

Não podemos esquecer de mencionar os estudos que giram em torno da polêmica quando do lançamento da obra, por se tratar de um tema controverso – e inovador para a mentalidade da época – do caso amoroso extraconjugal por parte da mulher, sendo que a “novidade” consistia mais na forma como Flaubert trabalhou o tema do adultério feminino, dando um tratamento mais cru do que o habitual até então, ao tema. Andreia Müller traça uma trajetória de como essa obra passa do status de um romance imoral a uma obra de referência, ou uma obra-prima, como ela se refere¹⁶.

Contudo, não é muito comum encontrar pesquisas que versam sobre o repertório de leitura de Emma Bovary, assim como sobre a possível influência que esse fato pode exercer sobre ela. Ainda assim, referenciamos algumas pesquisas como a de Isabel Sampaio¹⁷, Zuzanna Krasnopolska¹⁸ e Sandrine Aragon¹⁹, que apesar de não tratarem exatamente do tema na mesma perspectiva a que se propõe o presente estudo, trazem algumas contribuições com as quais procuraremos dialogar.

Para a realidade de Emma, a leitura tende a se configurar como um veículo formador/transformador na história da personagem, sendo capaz de influenciar pensamentos, crenças, valores, comportamentos e até mesmo decisões. Para ela, a leitura literária mostra-se como algo com que ela se identifica e que utiliza para decifrar sua própria vida, sua realidade e seu modo de se relacionar com os outros, dando-lhe a possibilidade de reconhecer a si mesma em

¹⁵ *Flaubert and the retranslation of Madame Bovary*, disponível em: Flaubert [1969-6191] Deane, Sharon ano: 2012, fasc. 6; BOTTMANN, Denise. *Gustave Flaubert no Brasil*. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/viewFile/8490/6460. Acesso em: 23.07.2015.

¹⁶ MÜLLER, 2012.

¹⁷ SAMPAIO, 2010.

¹⁸ KRASNOPOLSKA, 2010.

¹⁹ ARAGON, 2004.

razão de um olhar de fora, muitas vezes. Portanto, torna-se imprescindível analisar o percurso de leitura da personagem numa tentativa de fazer emergir o que pode ter influenciado na construção de sua personalidade, bem como de seu caráter. Assim, as obras de Roger Chartier e Robert Darnton nos fornecerão o suporte para essa discussão.

Devemos levar em consideração, não somente o tipo de material lido por Emma Bovary, como também, a maneira como ela se relaciona com os textos e se apropria das ideias difundidas por esses livros e autores, pois, como adverte Chartier, a leitura não é algo limitado. Os autores, quando concebem uma obra, têm um público alvo em mente, mas não o controle sobre quem irá lê-la. Portanto, uma obra como *A arte da amar*, de Ovídio, concebida originalmente para a leitura masculina, não se mantém restrita a esse público leitor. Chartier ainda ressalta que leituras obscenas e de cunho político não eram recomendáveis às leitoras do século XIX.

Para desenvolver esta pesquisa, a dividimos em duas partes: Na primeira, fizemos uma breve contextualização do ambiente e das condições de leitura encontradas na França, tendo em vista o que eles têm de relevante para a realidade da personagem Emma Bovary. Destacam-se também, nessa parte, comentários acerca do ato de leitura feminino no século XIX, além de uma discussão dos aspectos que ajudaram o romance a se consolidar como gênero preferencial no século XIX, na França, assim como as contribuições que o gênero trouxe para a constituição da educação, do aprendizado, da moral e dos valores das personagens, em especial de Emma Bovary, contemplando também o modo como se deu a constituição de seu imaginário social a partir das leituras que fazia.

Na segunda parte, a partir do enredo da narrativa, pretendeu-se dar conta das leituras da personagem, explicitando questões como “o que a heroína lê?”, “suas leituras são impostas ou de livre escolha?”, “existe algum objetivo pedagógico nelas, ou são apenas para diversão?”, “como são feitas essas leituras?”, “é uma leitura crítica e criteriosa ou sonhadora?”, “existe algum nível de identificação entre a personagem e as leituras que são feitas?”, etc. Também elencamos os textos literários lidos por Emma e explicitamente mencionados ao longo da narrativa, para verificar, mais detalhadamente, de que maneira essas narrativas são incorporadas à experiência da heroína, e como elas podem contribuir para a construção da imagem do amor e do casamento adotada pela protagonista.

1. AS MULHERES E A LEITURA

1.1– Mulheres que leem

A educação das mulheres, na França, ocorre com mais afinco em meados do século XVII, sob a influência dos salões e eventos sociais que mobilizavam uma sociedade leitora. As congregações religiosas são as principais responsáveis por ensinar-lhes a atividade da leitura, após a Contra Reforma. Em meados dos Oitocentos, essa alfabetização feminina alcança o povo e a província. De acordo com Sandrine Aragon (2004), em 1836 é criado o ensino primário feminino laico e em 1838, a primeira *école normale d'institutrice*. Já em 1850, a lei Falloux prevê a criação de escolas para mulheres nas comunidades com mais de 800 habitantes. A partir daí, vemos uma proliferação não só da alfabetização feminina, como também da leitura de textos literários, sendo possível encontrá-las retratadas como personagens dessas narrativas.

A figura da personagem leitora é bastante conhecida e prolífera na História da Literatura. ARAGON (2004) destaca algumas das mais conhecidas, tais como *Les Précieuses Ridicules*, de Molière (1658) e *L'Académie des Femmes*, de Samuel Chappuzeau (1661), as personagens de Corneille, *Julie ou la Nouvelle Héloïse* (1761), de Rousseau, a marquesa de Merteuil em *Les Liaisons Dangereuses* (1782), de Laclos, Mathilde de la Môle e Madame de Rênal, em *Le Rouge et le Noir* (1830), de Stendhal, além da mais famosa leitora em língua francesa do século XIX, Emma Bovary, em *Madame Bovary* (1857), de Flaubert. Para não ficar somente em exemplos franceses, lembramos também as personagens leitoras de Jane Austen, e *Anna Karenina* (1877), de Tolstói, tão famosas quanto sua “irmã francesa”.

Contudo, nem sempre essa figura da personagem feminina que lê foi vista com bons olhos ou mesmo levada a sério. Foi necessário um complexo e delicado percurso para estabelecer o espaço de tal personagem. Das “preciosas ridículas” às “leitoras em perigo”, passando pelo modelo pedagógico do Iluminismo, conhecemos muitos tipos de leitoras. Tomemos o exemplo de Mathilde de la Môle e Madame de Rênal, no romance de Stendhal. Ambas são leitoras, contudo há uma diferença relevante entre elas. Enquanto a primeira lê livremente todo tipo de texto que encontra na biblioteca de seu pai, a segunda lê poucos romances, concentrando-se mais em textos religiosos. Stendhal descreve Madame de Rênal como

[...] uma dessas mulheres de província que a gente pode muito bem tomar por tolas durante os quinze primeiros dias em que as vê. Não tinha a menor experiência da vida e não se importava com o que dizia. Dotada de uma alma delicada e arrogante, esse instinto da felicidade natural em todos os seres fazia com que, durante a maior parte do tempo, ela não prestasse a mínima atenção aos atos das personagens grosseiras em meio das quais o acaso a havia atirado.²⁰

Enquanto Mathilde, à semelhança da figura das *précieuses* do século XVII, enche-se de ideais romanescos e encontra um fim trágico, em consequência das decisões que tomou. O exemplo de Mathilde lembra o de Emma Bovary, e é mesmo possível que a narrativa de Stendhal possa fazer parte das leituras da personagem de Flaubert, já que a ação de *Madame Bovary* se passa entre 1830 e 1848, e a ação de *Le Rouge et le Noir*, durante o período da Restauração, entre 1814 e 1830. Caso isso se confirme, Emma poderia ter-se enchido de “ideais romanescos”, ao fazer a leitura de um romance como esse. Mas, por ter um “espírito fraco e uma educação não compatível com sua posição social de pequena burguesa”, não percebeu que, na verdade, a narrativa de Stendhal é uma história de vaidades e orgulho. Deixando as especulações de lado, verifiquemos como se deu o processo de educação literária da personagem, seguindo a trilha deixada no texto de Flaubert.

²⁰ STENDHAL, 1981, p. 43.

1.2 – O Bovarismo e a Literatura

Emma Rouault é uma moça da província, criada por seu pai e educada em um convento de freiras. Nesse lugar de isolamento, seu único contato com o mundo externo se dava por meio de uma senhora que fazia trabalhos de costura para o convento e que lhe emprestava livros secretamente. Era um mundo fechado e recluso, onde Emma costumava ler romances sentimentais com histórias recheadas de paixões impossíveis e arrebatadoras. Essas leituras tornam-se um tipo de modelo, ajudando-a a conceber uma ideia do que devem ser o amor e a felicidade. Utilizando a literatura como ferramenta educativa, ela desenvolveu sua sensibilidade e seus gostos. O hábito de leitura advindo do tempo de colégio lhe provocou o desejo de viver alguma daquelas histórias e experiências, de sentir o mesmo que as heroínas dos romances que lia. Mas, ao concluir toda a educação formal que lhe fora permitida, e sem vocação para a vida religiosa, seu destino foi retornar à casa do pai, no campo.

Emma torna-se responsável por atividades diárias com a casa e cuidados para com o pai, ficando extremamente enfadada delas. Sentia-se extremamente sozinha. Até que um dia, já tendo perdido todas as esperanças de viver uma grande história de amor, conhece Charles Bovary, um “officier de santé” que vem à sua casa para tratar de uma enfermidade de seu pai. Charles é um homem pacato, com uma carreira mediana e um casamento que não lhe causa muita emoção. Sua esposa o tem mais como uma de suas posses do que como marido. Porém, a então sra. Bovary morre em consequência de uma doença incurável, e Charles fica viúvo.

Após a morte de sua esposa, o médico interessa-se pela jovem Emma Rouault e no decorrer de um breve período em que se conhecem melhor, e um curto noivado, resolvem se casar. Emma nutre esperança de que, com o matrimônio, teria mais oportunidade para experimentar todas as ideias que tinha acerca do amor e da felicidade conjugal. O início do casamento é tranquilo. Eles resolvem morar numa cidadezinha chamada Tostes.

Charles está encantado com sua nova esposa e trabalha com afinco para realizar todas as vontades dela. Emma, por sua vez, deleita-se com a ideia de ter uma casa para chamar de sua, e com todo o interesse e dedicação que o marido devota a ela. Mesmo assim, não muito tempo depois, Emma encontra-se tão enfadada com sua nova situação quanto estava com a anterior. Seu tédio e sua depressão pioram quando o casal retorna de um baile a convite de um aristocrata

local, onde Emma experimenta uma noite de glamour e excentricidades que a tentam de diversas maneiras, porém lhes são inalcançáveis, tendo em vista sua condição social. Charles, numa tentativa de animá-la, decide mudar para uma região com um pouco mais de recursos, mais próxima a uma grande cidade.

A então sra. Bovary sentia-se sufocada com a pequenez dos lugares em que vivia, das pessoas com quem convivia, frente à vasta riqueza que povoava sua imaginação e seu universo de leitura de romances. Emma está grávida quando eles mudam de Tostes. Ela deseja, ardentemente, que sua criança seja um menino, pois julgava que, se assim fosse, ele teria a liberdade conferida aos homens de “percorrer as paixões e os lugares, atravessar os obstáculos, consumir as felicidades mais distantes”²¹, que lhe foram negadas pelo simples fato de ser mulher. Ela não se entusiasma muito com a ideia de ser mãe, ao contrário de Charles que fica irradiante de felicidade com a notícia. Contudo, ela reveste-se de um pouco de esperança de mudanças e dias melhores ao chegar à sua nova morada, na cidadezinha de Yonville-l’Abbaye, um burgo a oito léguas de Rouen. Acredita que, frente a tudo que já vivera até aquele ponto, o que estava por vir seria melhor. Ali, viveu as experiências mais marcantes de sua vida.

A sociedade de Yonville-l’Abbaye é composta por pequenos comerciantes, como o farmacêutico Homais e a sra. Lefrançois, dona da hospedaria, prestadores de serviços domésticos, como Felicité e uma ama de leite que acompanham Emma em sua chegada à cidade, e ainda, alguns camponeses. Encontra-se, também, uns poucos profissionais liberais, como o escrivão Léon Dupuis, e representantes do governo. Era com essas pessoas que a sra. Bovary tinha que conviver.

Emma Bovary tinha dois interesses centrais na sua existência: o amor e o luxo. Sua história se desenrola em torno da conquista desses dois interesses. É deles que ela colhe os melhores e os piores momentos da vida, pois mesmo que por um breve tempo, sente-se como as heroínas dos romances lidos que tanto a comoveram, sem perceber que essas experiências almeçadas a levarão à ruína psicológica, emocional e financeira. A todo instante, Emma busca uma existência à semelhança daquela encontrada nos romances lidos. Até mesmo na circunstância de sua morte guarda elementos que a aproximam da ficção de suas leituras. Ela

²¹ Para as citações de *Madame Bovary*, usaremos a edição da Gallimard (2001), para os trechos em francês, bem como faremos uso da tradução de Mário Laranjeiras para português, na edição da Companhia da Letras (2011). FLAUBERT, 2011, p. 178.

ingeriu arsênico, caminhou até sua casa, escreveu uma carta de despedida explicando o que lhe havia feito mal, e aguardou o efeito do envenenamento, como se sua atitude demonstrasse traços de heroísmo, como se ela sofresse o castigo que merecia por suas escolhas e, assim, expiava suas culpas e pecados. No final, ela sente-se culpada por levar a família à ruína financeira, e por manchar o nome de seu marido²².

A leitura, para ela, contribuiu para livrar sua alma sonhadora da insatisfação e do enfado que era a sua vida, servindo de alimento para a imaginação e de fuga para o espírito, caracterizando-a como a leitora que se perde na leitura, ou como chama Krasnopolska, um caso de bulimia literária, em que a leitura extensiva gera uma insatisfação romanesca, processo psicológico conhecido como “Bovarismo”. O termo foi cunhado por Jules de Gaultier, e denomina uma “adesão a um universo ficcional tomado como real”, nos dizeres de Hossne²³, em que leva ao uso da imaginação no sentido de criar, de qualquer maneira possível, reproduções do universo idealizado no espaço do real. Dizendo em outras palavras, é a “tendência que certos indivíduos apresentam de fugir da realidade e imaginar para si uma personalidade e condições de vida que não possuem, passando a agir como se as possuíssem”²⁴. Para Emma, o processo de Bovarismo se concretiza na tentativa de realizar suas fantasias nas relações amorosas, seja com Rodolphe Boulanger, Léon Dupuis, ou ainda de maneira mais fantasiosa, com o Visconde que valsa com ela no baile em Vaubyessard. Emma tenta se transformar na heroína tradicional de romances de sua própria vida. Assim, o Bovarismo no contexto dessa personagem, tem a ver com a idealização de elementos que perfazem o percurso da protagonista, funcionando como um meio de se evadir da realidade.

Durante toda a narrativa da história da sra. Bovary, encontramos nomes de autores e livros, referências a personagens e a peças musicais e/ou teatrais, verificando que essas manifestações culturais fazem parte do que cerca a trajetória da protagonista do romance, à semelhança do contexto extraliterário do período de que faz parte. Assim sendo, passamos a analisar o percurso de leitura de Emma Bovary.

²² Richard Sennet, em *A corrosão do caráter*, discute a diferença entre a vida pública e a privada com respeito ao julgamento ético. Alguns atos privados só se tornam “condenáveis” quando tornados públicos. Quando percebe a que nível chegou a crise financeira de sua família, Emma se desespera, principalmente, com a ideia da sociedade de Yonville ficar sabendo dos seus atos privados. Essa é uma discussão muito mais longa e delicada que não pretendemos aprofundar no presente estudo.

²³ HOSSNE, 2000, p. 285.

²⁴ Definição dada pelo dicionário Houaiss.

Para começar, caracterizar Emma Bovary como leitora significa dizer que, como define Sandrine Aragon, ela é uma personagem feminina que ao longo do romance lê e decifra um texto escrito. Emma costuma ler sozinha, em seu quarto, às vezes à mesa, e, em um dado momento do romance, na companhia de Léon Dupuis, personagem que se torna seu amante, mais ao final da narrativa.

Ela passa por três momentos diferentes, em relação à leitura. Quando jovem, ainda no convento onde foi educada, leu os textos com teor religioso *Conférences de l'abbé Frayssinous*, e o *Génie du christianisme*, de Chateaubriand, além da Bíblia; leu também textos literários, *Paul et Virginie* de Bernardin de Saint-Pierre, romances históricos de autoria de Walter Scott, *keepsakes*²⁵ escritos por autores desconhecidos, e textos de Lamartine, em que se colocava no lugar das heroínas nas mais diversas condições. Eram as leituras de sua juventude que alimentavam sua imaginação. Como vivia reclusa, seu contato com o mundo exterior se dá, quase que exclusivamente, por meio dos livros que lê, e o conteúdos deles

Ce n'étaient qu'amours, amants, amantes, dames persécutées s'évanouissant dans des pavillons solitaires, postillons qu'on tue à tous les relais, chevaux qu'on crève à toutes les pages, forêts sombres, troubles du cœur, serments, sanglots, larmes et baisers, nacelles au clair de lune, rossignols dans les bosquets, *messieurs* braves comme des lions, doux comme des agneaux, vertueux comme on ne l'est pas, toujours bien mis, et qui pleurent comme des urnes. Pendant six mois, à quinze ans, Emma se graissa donc les mains à cette poussière des vieux cabinets de lecture.²⁶

Não buscava nos livros o que já sabia, o que lhe era comum, mas o que lhe era novo e distante, diferente do que já havia conhecido e/ou experimentado. Buscava sensações tumultuadas, como se antecipasse o que gostaria de viver no futuro. Emma preferia fortes sensações a fortes sentimentos, por isso a preferência por histórias com o teor citado. Ou seja,

²⁵ Livros ilustrados que se ofereciam como presentes na época romântica.

²⁶ FLAUBERT, op. cit., p. 87.

“Eram só amores, namorados, namoradas, damas perseguidas a desmaiar em pavilhões solitários, mensageiros que são mortos em todas as paradas, cavalos que se esgotam em todas as páginas, florestas sombrias, perturbações do coração, juramentos, suspiros, lágrimas e beijos, barquinhos ao luar, rouxinóis nos bosques, cavalheiros bravos como leões, meigos como cordeiros, virtuosos a não mais poder, sempre bem-postos, e que choram como urnas. Durante seis meses, aos quinze anos, Emma sujou as mãos nessa poeira dos velhos gabinetes de leitura.” (p. 117) [grifos do autor].

Os “velhos” gabinetes de leitura eram a principal maneira de ter acesso a livros, no século XIX. Muitos leitores da época possuíam assinaturas regulares. Emma possui uma assinatura de um gabinete da região onde vive, e esse acesso ilimitado aos livros foi até mesmo motivo de discussão com sua sogra, em determinado ponto da narrativa.

preferia sentir o arrebatamento causado pelo amor, como quando quase foi descoberta em adultério, do que ter a companhia constante, porém pacata demais para seu gosto, de um marido que não lhe despertava emoções nem satisfazia suas ideias fantasiosas. Seu universo pessoal é composto por sonhos romanescos, fantasias sentimentais, amor ao luxo, e fidelidade a modas e manias²⁷.

Em um segundo momento, já casada e pouco mais madura em idade – e, supõe-se, em ideias – Emma continua suas leituras de romances, de Eugène Sue, Balzac e George Sand, mas também inclui no seu repertório a leitura de revistas e periódicos tendo Paris como tema central, *La Corbeille* e *Le Sylphe des Salons*, nos quais lia sobre a vida cultural e as novidades da cidade com toda a atenção e o desejo de ser participante dela.

Elle dévorait, sans rien passer, tous les comptes rendus de premières représentations, de courses et de soirées, s'intéressait au début d'une chanteuse, à l'ouverture d'un magasin. Elle savait les modes nouvelles, l'adresse des bons tailleurs, les jours de Bois ou d'Opéra. Elle étudia, dans Eugène Sue, des descriptions d'ameublements ; elle lut Balzac et George Sand, y cherchant des assouissements imaginaires pour ses convoitises personnelles.²⁸

O terceiro momento se dá quando o casal Bovary muda-se para Yonville-l'Abbaye. Emma continua com o repertório de leitura prévio, lendo romances sentimentais e Voltaire, Rousseau, Delille²⁹, que compunham a biblioteca do farmacêutico da cidade, o sr. Homais. Além de romances, ele dispõe, ainda, de periódicos da região e do *Écho des feuilletons*, seção literária de um jornal que publicava folhetins, em sua maioria, além do semanário ilustrado *L'Illustration*. Porém, em contato com outros leitores e novas situações, Emma é apresentada a outros gêneros literários. Léon Dupuis conversa sobre poesia com ela, e mesmo que sua preferência fosse por histórias com bastante ação, Emma pedia ao escrivão que lesse versos para ela.

²⁷ HOSSNE, op. cit., p. 279.

²⁸ FLAUBERT, op. cit., p.111.

“Ela devorava, sem saltar nada, todos os relatos de primeiras apresentações, de corridas e de vesperais, interessava-se pela estreia de uma cantora, pela abertura de uma loja. Conhecia as modas novas, o endereço de bons costureiros, os dias de encontro da alta sociedade no Bois de Boulogne ou de Ópera. Estudou, em Eugène Sue, descrições de mobiliário; leu Balzac e George Sand, procurando neles lenitivos imaginários para as suas cobiças pessoais.” (p. 141).

²⁹ Jacques Delille (1738-1813): poeta francês também conhecido como l'abbé Delille.

- [...] quelle meilleure chose, en effet, que d'être le soir au coin du feu avec un livre, pendant que le vent bat les carreaux, que la lampe brûle?...
- N'est-ce pas? dit-elle, en fixant sur lui ses grands yeux noirs tout ouverts.
- On ne songe à rien, continuait-il, les heures passent. On se promène immobile dans des pays que l'on croit voir, et votre pensée, s'enlaçant à la fiction, se joue dans les détails ou poursuit le contour des aventures. Elle se mêle aux personnages; il semble que c'est vous qui palpitez sous leurs costumes.
- C'est vrai! C'est vrai! disait-elle.
- Vous est-il arrivé parfois, reprit Léon, de rencontrer dans un livre une idée vague que l'on a eue, quelque image obscurcie qui revient de loin, et comme l'exposition entière de votre sentiment le plus délié?
- J'ai éprouvé cela, répondit-elle.
- C'est pourquoi, dit-il, j'aime surtout les poètes. Je trouve les vers plus tendres que la prose, et qu'ils font bien mieux pleurer.
- Cependant ils fatiguent à la longue, reprit Emma; et maintenant, au contraire, j'adore les histoires qui se suivent tout d'une haleine, où l'on a peur. Je déteste les héros communs et les sentiments tempérés, comme il y en a dans la nature.³⁰

Esse trecho de conversa entre Emma e Léon demonstra que os dois são leitores de gêneros diferentes, mas ainda assim é a leitura que os aproxima. Em pouco tempo de convivência eles passam a partilhar livros que liam juntos ou em separado. Ele sempre trazia livros para ela, quando ia a Rouen fazer pequenas compras e realizar tarefas para o sr. Bovary. E assim, “se estabeleceu entre eles uma espécie de associação, um comércio contínuo de livros e romances”³¹, e Charles sequer estranhava ou sentia ciúmes do fato. Finalmente, ela encontrava alguém que partilhava o amor pelos livros, e assim Léon se apresenta como um amigo, como alguém que se equivalia a ela em intelecto. Aquela solidão de espírito que sentia desde menina encontrava uma

³⁰ FLAUBERT, op. cit., p. 140, 141.

[...] o que há de melhor, realmente, do que ficar à noitinha no canto da lareira com um livro, enquanto o vento bate nas vidraças, a lamparina queima?...

- Não é mesmo? - disse ela, fixando sobre ele os grandes olhos negros bem abertos.

- Não se pensa em nada - continuou ele -, as horas passam. A gente passeia imóvel por lugares que acredita ver, e o seu pensamento, lançando-se à ficção, brinca nos detalhes ou persegue o contorno das aventuras. Ele se mescla às personagens; parece que é a gente que palpita sob as suas roupas.

- É verdade! É verdade! - dizia ela.

- Já lhe aconteceu alguma vez - retomou Léon - encontrar num livro uma ideia vaga que se teve, alguma imagem obscurecida que volta de longe, e como a exposição inteira do seu sentimento mais sutil?

- Experimentei isso - respondeu ela.

- É por isso que - disse ele - gosto sobretudo dos poetas. Acho os versos mais ternos do que a prosa, e que eles fazem chorar mais facilmente. Entretanto, com o tempo, eles cansam - retomou Emma -; e agora, ao contrário, adoro as histórias que se seguem num só fôlego, onde se tem medo. Detesto os heróis comuns e os sentimentos temperados, como existem na natureza. (p. 171, 172).

³¹ FLAUBERT, 2011, p. 191.

alma para se corresponder. Emma tenta fazer leituras mais sérias, como textos de história e de filosofia, mas logo os abandona. Não são seus gêneros preferidos, e também não encontra combustível neles para se evadir da realidade que lhe aprisiona.

Ela adota uma postura de mulher virtuosa em duas circunstâncias, quando Léon muda-se de Yonville para Paris e quando Rodolphe a deixa e foge da cidade sozinho. Ela chega a buscar refúgio na religião para tentar obter alívio da situação em que se encontra, lendo os seguintes textos: *Pensez-y bien, l'homme du monde aux pieds de Marie* ; *Des erreurs de Voltaire, à l'usage des jeunes gens*.

C'étaient de petits manuels par demandes et par réponses, des pamphlets d'un ton rogue dans la manière de M. de Maistre, et des espèces de romans à cartonnage rose et à style douceâtre, fabriqués par des séminaristes troubadours ou des bas bleus repenties.³²

Contudo, acrescenta leituras desaconselhadas ao universo feminino. Torna-se mais ousada como mulher depois de viver as mais diversas aventuras com seus amantes, e suas leituras acompanham essa mudança de comportamento. “E ela lia até de manhã livros extravagantes onde havia quadros orgíacos com situações sangrentas.”³³

Esses três momentos em relação à leitura demonstram certa progressão no nível e no conteúdo do material de que a sra. Bovary se nutre. Na juventude, romances sentimentais; recém-casada, além desses, escritos que versavam sobre moda, estilo de vida, aspectos culturais; e quando tem amantes, textos mais “extravagantes”. Vale lembrar que dois gêneros textuais nunca abandonaram seu percurso de leitura: os romances e os textos religiosos. Autores contemporâneos a Flaubert, como Rousseau e Mirabeau, aconselham apenas os textos religiosos às mulheres. Eles até recomendam o contato com textos científicos e filosóficos, mas acreditam que se deve expor as mulheres a poucos tipos de romances para que elas tenham uma visão mais realista da vida³⁴. O pensamento de Rousseau e Mirabeau não era raro no século XIX. Como diz Sampaio,

³² FLAUBERT, 2001, p. 292.

“Eram pequenos manuais de perguntas e respostas, panfletos de um tom vermelho à maneira do sr. de Maistre, e espécies de romances com encadernação nacarada e estilo adocicado, fabricados por seminaristas trovadores ou mulheres arrependidas e com pretensões literárias.” (p. 323).

³³ FLAUBERT, 2011, p. 409.

³⁴ ARAGON, op. cit., p. 7.

a leitura parece ter sido, até muito recentemente, totalmente proibida ou estreitamente vigiada. E essa vigilância tem se manifestado de formas diversas, desde o ato puro e simples de examinar os livros a serem lidos por moças e senhoras (geralmente executado pelo pai, irmão mais velho, professor ou padre-confessor), até a mais sutil atividade de indicação dos livros “mais adequados” a elas, tarefa desempenhada por críticos, professores, “orientadores espirituais” ou mesmo tias bem intencionadas. Ou ainda, por editores de livros.³⁵

Manguel³⁶ observa que com a leitura dessa literatura permitida, é possível que as mulheres tenham encontrado estímulos intelectuais no “mingau” das labutas, dos perigos e das agonias dos casais apaixonados, descobrindo, talvez, alimento para o pensamento. Ele também acredita que essa leitura não era nem passiva, nem restrita a momentos de lazer, muito menos o único tipo executado. Seja na leitura permitida ou na proibida, feita às escondidas, a mulher encontra nessa prática uma maneira de “construir e afirmar sua identidade e individualidade, e nem sempre de forma ‘passiva’ ou ‘alienada’, como sempre acreditaram os críticos da dita ‘literatura feminina’.”³⁷

Os romances que Emma lia faziam sua imaginação fremir, e assim como outras heroínas da literatura que liam romances, lê constantemente numa tentativa de “fugir de seu mundo acanhado para alcançar outro nível de animação”³⁸ na vida. Como mencionado antes, os romances eram vistos como um forte perigo para a moral, especialmente a das mulheres e moças³⁹. Contudo, é importante reconhecer que é preciso coragem para se deixar levar pela imaginação, desafiando a realidade e se permitindo extrapolar as cadeias que limitam a condição social e de gênero, como no caso de Emma Bovary. É nesse ponto que a personagem de Flaubert se mostra “revolucionária”, no sentido de buscar abertamente a felicidade da maneira em que a agrada e onde crer que ela se encontra.

Para Emma, isso certamente era um risco, no sentido de arriscar para ver o que consegue conquistar. Seu perfil de leitora é do tipo sonhadora, em que constantemente se vê no lugar da heroína dos romances, desejando viver o que elas viviam ou encontrando algum tipo de identificação com elas. Um exemplo dos perigos mencionados por Abreu na vida da sra. Bovary

³⁵ SAMPAIO, op. cit., p. 1.

³⁶ MANGUEL, 1997, p. 256, 257.

³⁷ SAMPAIO, op. cit., p. 2, 3.

³⁸ RIBEIRO, 1993 apud SAMPAIO, op. cit., p. 3.

³⁹ ABREU, 2002, p. 3.

é o constante contato com o adultério. A primeira evidência é mencionada quando a jovem, com então treze anos, tem sua atenção chamada por um aparelho de jantar contando a história de *La Vallière*, amante do rei Luís XIV. Em seguida, a sra. Bovary mãe preocupa-se com o tipo de influência que o sr. Bovary pai pode causar em sua nora, pois ele lhe conta sobre as viagens que fez quando ainda era oficial de polícia, dos jantares de que participou, e também de suas amantes. Mostrava-se amável para com Emma e, pegando-a pela cintura na escada ou no jardim, exclamava ao filho que tivesse cuidado com a esposa.

Alors la mère Bovary s’effraya pour le bonheur de son fils, et, craignant que son époux, à la longue, n’eût une influence immorale sur les idées de la jeune femme, elle se hâta de presser le départ. Peut-être avait-elle des inquiétudes plus sérieuses. M. Bovary était homme à ne rien respecter.⁴⁰

Quando comete o adultério pela primeira vez com Rodolphe, chega ao ápice da identificação com as heroínas de seus livros.

Alors elle se rappela les héroïnes des livres qu’elle avait lus, et la légion lyrique de ces femmes adultères se mit à chanter dans sa mémoire avec des voix de sœurs qui la charmaient. Elle devenait elle-même comme une partie véritable de ces imaginations et réalisait la longue rêverie de sa jeunesse, en se considérant dans ce type d’amoureuse qu’elle avait tant envié.⁴¹

E quando o caso chega ao fim, sua reação também é semelhante à das heroínas dos romances que lia, tendo uma síncope e desmaiando. Outro grande momento de identificação para Emma foi quando ela e Charles viajaram a Rouen para assistir a uma ópera chamada *Lucie de Lammermoor*, de Donizetti, baseada no romance de Walter Scott *The Bride of Lammermoor*. Na ocasião, ela encontrava-se melhor de saúde e seu marido, seguindo o conselho de Homais, leva-a à cidade no intuito de trazer algum ânimo novo ao seu espírito abatido, e ela parece assistir ao desenlace da própria vida em forma de espetáculo. Isso lhe cabe muito bem, já que ela busca tanto esse tipo de identificação da vida com a arte, formando uma só realidade.

⁴⁰ FLAUBERT, op. cit., p. 149.

“Então a mãe Bovary se preocupou pela felicidade de seu filho e, temendo que seu esposo, com o correr do tempo, tivesse uma influência imoral sobre as ideias da jovem senhora, fez questão de ir-se embora logo. Talvez ela tivesse inquietações mais sérias. O sr. Bovary era homem de não respeitar nada.” (p. 181).

⁴¹ FLAUBERT, op. cit., p. 232.

“Então lembrou-se das heroínas dos livros que tinha lido, e a legião lírica daquelas mulheres adúlteras puseram-se a cantar em sua memória com vozes de irmãs que a encantavam. Tornava-se ela própria como uma parte verdadeira daquelas imaginações e realizava o longo devaneio de sua juventude, considerando-se o tipo de amante a quem tanto tinha invejado.” (p. 263).

2. EMMA BOVARY

2.1 – Trajetória da personagem

Gustave Flaubert publicou *Madame Bovary*⁴² de 1 de outubro a 15 de dezembro de 1856 em capítulos na *Revue de Paris*. Seu primeiro romance foi alvo de processo por parte do Ministério Público Francês, sob a acusação de ofender a moral pública, a religião e os bons costumes. Juntamente com Flaubert, foram acusados o diretor e o impressor da *Revue*. Todos foram inocentados, mas o percurso de *Madame Bovary* rumo ao status de obra de arte estava apenas começando. Em 16 de abril de 1857, o romance era publicado em livro, na íntegra, com um volume de vendas bastante expressivo para um escritor estreante.

O sucesso de vendas foi acompanhado de um intenso debate na imprensa. Logo após a publicação do livro, diversas críticas surgiram nos periódicos literários e nos jornais, algumas parcialmente elogiosas, outras completamente desfavoráveis, poucas tecendo elogios sem ressalvas. A suposta imoralidade do romance escandalizou os homens de letras franceses daquela época, que associaram a imparcialidade do narrador flaubertiano a uma ausência de posição moral por parte do autor. *Madame Bovary* desviava-se dos parâmetros então vigentes para o romance, afastava-se dos moldes tradicionais da narrativa de até meados dos Oitocentos, familiares a leitores e críticos. Parece óbvio não ter sido imediatamente aceito no universo letrado parisiense. Todavia, não passou, de forma alguma, despercebido; causou impacto na crítica de seu tempo. Suscitou admiração e repulsa.⁴³

O romance dividiu opiniões. Tudo isso porque ele destoava do horizonte de expectativas de seu primeiro público. A princípio, não foi apreciado pela crítica, já que a moralidade da narrativa era extremamente relevante como critério de avaliação dos textos literários em meados dos Oitocentos. Os críticos não estavam preparados para romances como o de Flaubert,

⁴² *Madame Bovary* é publicado em folhetim *Revue de Paris*, de 1º de outubro à 15 de dezembro de 1856, com uma periodicidade de quinzenal.

– 1º de outubro, p. 5-55 : toda a primeira parte.
– 15 de outubro, p. 200-248 : segunda parte, capítulos 1 à 7.
– 1º de novembro, p. 403-456 : segunda parte, capítulos 8 à 12.
– 15 de novembro, p. 539-561 : segunda parte, capítulos 13 à 15.
– 1º de dezembro, p. 35-82 : terceira parte, capítulos 1 à 6.
– 15 de dezembro, p. 250-290 : terceira parte, capítulos 7 à 11.

⁴³ MÜLLER, op. cit., p. 8.

principalmente porque o narrador desse período costumava expor seu ponto de vista acerca da moral e julgava personagens, ações e sentimentos, o que não acontece com o narrador flaubertiano. Por esse motivo, o autor foi tomado como conivente com os aspectos considerados imorais da narrativa. O principal argumento de Ernest Pinard, promotor no processo judicial contra a obra, e dos opositores à leitura de *Madame Bovary*, era o de que esse romance poderia influir negativamente nas famílias, pois era uma exaltação ao adultério, portanto, um mau exemplo, principalmente para as mulheres.

Empregar a moral como critério de avaliação artística implica uma crença corrente em meados do século XIX e em períodos anteriores: a de que a literatura era capaz de influenciar o comportamento dos leitores. Por isso, eram considerados tão perigosos os textos que apresentavam exemplos vistos como reprováveis (como o adultério de Emma Bovary): podiam corromper os leitores, levando-os a imitar esses exemplos ou a aceitar a conduta das personagens.⁴⁴

Para Pinard, o principal perigo da leitura de *Madame Bovary* estava na susceptibilidade feminina à imaginação, ao fantasioso, sendo necessário haver uma intervenção na sociedade em defesa das famílias. Como ele, o crítico Alfred Nettement cultivava a ideia da mulher como termômetro da casa:

Defendia que as mulheres que tinham sua imaginação exaltada pela leitura de romances desenvolviam uma “sede de emoções romanescas”, uma “febre do espírito e do coração que não encontra alimentos na vida ordinária”. O romance fazia com que as mulheres se entediasssem com o ambiente doméstico e se sentissem insatisfeitas com a vida que seus maridos tinham a lhes oferecer. [...] As mulheres se sentiam incompreendidas por homens tão distantes do modelo dos heróis folhetinescos. Desejando peripécias semelhantes às dos romances, elas desprezariam os cuidados e o carinho de seus maridos; a felicidade familiar lhes pareceria monótona.

[...]

Perturbadas pelas ilusões das más leituras, as mulheres ver-se-iam diante de dois caminhos: buscar no adultério as emoções e fantasias dos romances-folhetins ou viver constantemente infelizes. Em qualquer das duas possibilidades, fariam a infelicidade de seus maridos e prejudicariam a família.⁴⁵

Por outro lado, o argumento da defesa de Flaubert se organizou em torno da ideia que *Madame Bovary* era uma obra útil exatamente por promover a visão de que a educação recebida

⁴⁴ Id. *ibid.*, p. 15.

⁴⁵ Id. *ibid.*, p. 34 - 36.

por Emma Bovary foi equivocada e que ela fora vítima por receber uma educação acima de seu nível social, fazendo-a desejar uma vida que não poderia ter, o que resultou em todos os erros morais cometidos pela protagonista. Assim, *Madame Bovary* ensinava as mulheres a terem horror do adultério e não a cometê-lo, segundo Jules Sénard, advogado do caso. Para Philoxène Boyer a obra de Flaubert era moral porque o autor “mostrara as causas do adultério, entre as quais a principal seria a educação recebida por Emma que a levava a uma imagem distorcida de si mesma”⁴⁶. Todas essas questões nos levaram a pensar se acaso não seria precisamente essa a discussão que o autor gostaria de propor, ao tomar como protagonista uma mulher em que a leitura de romances e a educação que recebera a levaram a padecer tantos males. Para tanto, vamos retomar o percurso dessa personagem.

Como vimos, as leituras da época do convento acabaram alimentando sua imaginação. Ela cresceu dessa maneira, especulando como seria sua vida caso pudesse viver alguma daquelas histórias, se pudesse sentir o mesmo que as heroínas dos romances que lia. Mas, sem vocação para a vida religiosa, ao invés disso, retorna à casa de seu pai, no campo. Conhece o médico viúvo Charles Bovary e, com pouca convivência, julga-se apaixonada e casa-se com ele. Tem uma vida modesta ao lado do marido, no interior da França. Mesmo com todo o empenho de Charles em satisfazer todos os gostos de sua esposa, em pouco tempo, Emma cansa-se do tipo de vida que leva, e a família Bovary muda-se para uma região mais desenvolvida e com mais oportunidades, na cidade fictícia de Yonville-l’Abbaye.

Na nova cidade, Emma tem contato com uma nova realidade e, ao conhecer Léon Dupuis, escrivão do tabelião da cidade, descobre uma imensa identificação com o rapaz. Logo, Léon demonstra possuir gostos e interesses em comum com a sra. Bovary. Conversam sobre arte, música e livros, especialmente romances. Em pouco tempo descobrem-se apaixonados, no entanto, não tomam nenhuma atitude concreta para viver esse amor, em razão da timidez e da virtude.

Com a recusa de Emma e a impossibilidade de concretizar seu amor, Léon resolve mudar-se de Yonville e prosseguir com os estudos, em Paris. É então que a sra. Bovary sucumbe à tristeza, à solidão de espírito e à depressão. Emma conhece sua primeira desilusão de amor. Charles pensa que sua esposa está doente e tenta, por todos os meios conhecidos, curá-la. Todo

⁴⁶ Id. *ibid.*, p. 91.

esse empenho de seu marido causa ainda mais irritação em Emma. Não obstante, esse sentimento não dura muito tempo, tanto o suposto amor por Léon, quanto a tristeza por sua ausência, pois ela conhece o aristocrata, bonito, solteiro e dado às mulheres, Rodolphe Boulanger. Emma o conhece em condições emergenciais, quando ele traz um de seus empregados que estava passando mal, e pede a Charles para realizar uma sangria. Emma o ajuda no processo, e Rodolphe se interessa por ela, planejando como faria para cortejá-la, logo à saída da casa dos Bovary.

Elle est fort gentille ! se disait-il ; elle est fort gentille, cette femme du médecin ! De belles dents, les yeux noirs, le pied coquet, et de la tournure comme une Parisienne. D'où diable sort-elle ? Où donc l'a-t-il trouvée, ce gros garçon-là ?

[...]

Oh! je l'aurai!⁴⁷

Rodolphe aproveita-se da época de comícios, ocasião em que a cidade fica bastante movimentada, para fazer suas primeiras investidas à sra. Bovary, e o faz com ousadia, desde o princípio. À primeira investida do rapaz, Emma esquiva-se, mas não por muito tempo. As palavras de Rodolphe a conquistam. Para ter certeza de que sua estratégia havia funcionado, Rodolphe se ausenta do convívio com Emma por seis semanas, a fim de aumentar a necessidade que ela tinha dele, e quando a reencontra, declara-se abertamente, assustando-a com sua franqueza, e toma providências para fazer dela sua amante, contando com a ajuda do próprio marido da jovem senhora.

A fim de proporcionar benefícios à saúde de sua esposa, Charles recomenda-lhe que aceite o convite do sr. Boulanger para uma cavalgada, ocasião em que Rodolphe aproveita-se para tomá-la como amante. Permanecem dois anos tumultuados nessa condição, em que Emma exalta as qualidades do amante enquanto que sente um desprezo ainda maior por seu marido. O auge de seu desprezo por Charles acontece quando este falha ao realizar uma cirurgia arriscada (e além de suas capacidades) no pé torto de Hippolyte, um empregado da hospedaria da cidade. A sra. Bovary, juntamente com o sr. Homais, farmacêutico da região, convencem-no a realizar o procedimento, visando os benefícios e o reconhecimento que ganhariam com o êxito de tal

⁴⁷ FLAUBERT, op. cit., p. 194.

“- Ela é muito gentil!, dizia-se, é muito gentil, essa mulher do médico! Belos dentes, olhos negros, pés delicados e o aspecto de uma parisiense. De onde, diabos, terá ela saído? Onde foi que ele a encontrou, aquele rapagão?

[...]

- Oh! Eu hei de tê-la!” [grifos do autor] (p. 226, 227).

façanha. Contudo, o efeito obtido é o oposto. Charles falha e provoca a amputação da perna de seu paciente.

Emma comete excessos, tanto sentimentais quanto financeiros, e Rodolphe preocupa-se com o nível de envolvimento entre eles, e começa a perder um pouco do interesse pela relação, a ponto de decidir-se por deixá-la e fugir para longe de Emma, por temer comprometer-se demais com essa situação. Isso leva Emma à ruína emocional, e sua saúde declina de vez. Charles entra em desespero e devota toda sua atenção à esposa

Pendant quarante-trois jours, Charles ne la quitta pas. Il abandonna tous ses malades ; il ne se couchait plus, il était continuellement à lui tâter le pouls, à lui poser des sinapismes, des compresses d'eau froide. Il envoyait Justin jusqu'à Neufchâtel chercher de la glace ; la glace se fondait en route ; il le renvoyait. Il appela M. Canivet en consultation ; il fit venir de Rouen le docteur Larivière, son ancien maître ; il était désespéré. Ce qui l'effrayait le plus, c'était l'abattement d'Emma ; car elle ne parlait pas, n'entendait rien et même semblait ne point souffrir, - comme si son corps et son âme se fussent ensemble reposés de toutes leurs agitations.⁴⁸

Era só lembrar de Rodolphe que seus sintomas pioravam. E as dívidas dos Bovary só aumentavam. Mas foi na humildade cristã, na religião, que Emma buscou e encontrou uma maneira de subjugar os sentimentos por Rodolphe. Seus excessos se voltaram para esse novo hábito, e « elle adressait au Seigneur les mêmes paroles de suavité qu'elle murmurait jadis à son amant, dans les épanchements de l'adultère. »⁴⁹. Charles decide levá-la para assistir a uma apresentação de ópera, em Rouen, ocasião em que o casal reencontra-se com o sr. Dupuis. Léon havia concluído seus estudos em Direito e mudara-se para a cidade normanda.

O reencontro reacende o interesse de ambos, de Léon e de Emma, e, não muito tempo depois, tornam-se amantes, ela inventando diferentes motivos para visitar a cidade e ver seu amante. Mas, à semelhança do relacionamento com Rodolphe, o caso esfria, e muitas outras

⁴⁸ FLAUBERT, op. cit., p. 286, 287.

“Durante quarenta e três dias, Charles não saiu de perto dela. Abandonou todos os seus doentes; não dormia mais, estava continuamente a tomar-lhe o pulso, a colocar-lhe sinapismos, compressas de água fria. Mandava Justin a Neufchâtel buscar gelo; o gelo derretia pelo caminho; ele o mandava de novo. Chamou o sr. Canivet para consultá-lo; mandou vir de Rouen o dr. Larivière, seu antigo mestre; estava desesperado. O que mais o apavorava era o abatimento de Emma; pois ela não falava, não ouvia nada e até parecia não sofrer, como se o seu corpo e a sua alma tivessem juntos repousado de todas as suas agitações.” (p. 317).

⁴⁹ FLAUBERT, op. cit., p. 293.

[...] “dirigia ao Senhor as mesmas palavras de suavidade que murmurava outrora ao seu amante, nas efusões do adultério” (p. 324).

dívidas foram acumuladas com essas novas aventuras e extravagâncias da protagonista. Léon decepciona-se com o comportamento de Emma, e esta descobre-se com tantos problemas financeiros que não tem mais condições de honrar as dívidas. Busca ajuda com todos que conhece, porém, ninguém a socorre. Humilhada e desesperada por ter causado sua própria ruína e a do marido, comete suicídio a fim de fugir de todos os julgamentos a que estaria sujeita diante da sociedade que a cercava. Charles, falido, cai em desgraça e morre poucos meses depois, não sem antes descobrir que sua esposa o traía com outros homens. Ainda assim, ele a perdoa e culpa a si mesmo por seus infortúnios. A filha do casal é deixada com a mãe de Charles, porém, por pouco tempo, pois a senhora morre, e a menina é deixada aos cuidados de uma tia que, sem meios de a sustentar sozinha, a põe para trabalhar em uma fábrica de fios de algodão.

2.2 – Emma Bovary, leitora

Em artigo intitulado *Diferentes formas de ler*⁵⁰, Márcia Abreu lembra que em meados dos Oitocentos, existia uma forte crença (e receio) de que a leitura de romances podia levar os leitores ao contato com cenas reprováveis, “estimulando a identificação com personagens envolvidos em situações pecaminosas como as mentiras, as paixões ilícitas e os crimes.”

Acreditava-se, talvez mais do que nós o façamos, no poder da leitura na determinação de comportamentos: um leitor de romances certamente desejaria transportar para sua vida real as situações com que travava contato por meio do texto. Também perigoso era o impulso de imaginar-se no lugar dos personagens envolvidos em situações criminosas: supor-se no lugar de uma adúltera era quase tão grave quanto praticar o adultério. Mesmo os que resistissem à tentação de aproximar a matéria lida do mundo vivido seriam prejudicados pois ocupariam tempo precioso com a leitura de material tão pouco elevado, esquecendo-se de suas obrigações cotidianas.⁵¹

Por esse motivo, chegou-se a propor, na França, a aprovação de leis proibindo a criação e edição de romances nacionais, bem como a circulação de importados. Dada a relevância da discussão, não é raro encontrar textos ficcionais em que o tema da leitura seja algo central à narrativa, como é o caso de *Madame Bovary*. Nesse romance, nos deparamos com algumas referências literárias, nomes de autores ou ainda, personagens e histórias, que aparentam ter circulado na França do século XIX. Na narrativa de Flaubert, temos três personagens que se revelam claramente como leitores⁵². São eles: Homais, Léon Dupuis e Emma Bovary. Cada um deles tem um perfil particular enquanto leitor. Contudo, para efeitos dessa pesquisa, nos deteremos apenas nas leituras da personagem que dá nome ao título. Retomemos as leituras de Emma!

Como já discutimos, é no século XIX que a leitura de romances está mais fortemente

⁵⁰ ABREU, 2001, p. 2.

⁵¹ Id., *ibid.*

⁵² Autores, obras e personagens citados ao longo do romance: Bernardin de Saint-Pierre (*Paul et Virginie*), Walter Scott (*The Bride of Lammermoor* e outros romances cujos títulos não são especificados), Alphonse Lamartine (*Le Lac* e outros textos cujos títulos também não são especificados), Eugène Sue, Balzac, George Sand, Pauline Duchambre (*L'Ange Gardien*), Voltaire, Rousseau, Delille, Evariste-Désiré de Forges (La Guerre des Dieux), Racine (*Athalie*), Victor Hugo (*Notre-Dame de Paris*), La Fontaine (*Le Rat qui s'est retiré du monde*), (*Mille et une Nuits* – conhecido no ocidente a partir da tradução do francês Antoine Galland), Bayard e Vanderburch (*Le gamin de Paris*), Alexandre Dumas (*La Tour de Nesle*), Nicolas Venette (*L'Amour conjugal*).

associada a uma atividade feminina, e isso encontra-se devidamente representado na figura de Emma Bovary. A primeira indicação da relevância da leitura para Emma aparece no final do capítulo quinto da primeira parte, quando o narrador começa a apresentar características psicológicas da personagem⁵³. Isso aparece logo na sequência da descrição de uma cena cotidiana do casal Charles e Emma Bovary, na qual ela reflete sobre o amor, o casamento e seus efeitos, e compara a realidade em que vive com a ficção de suas leituras. Aqui Emma busca compreender o significado de três palavras que lhe pareciam tão caras e belas nos livros: felicidade, paixão e embriaguez. Essas três palavras aparentam ser os pilares que sustentam e guiam toda a trajetória dessa personagem, e é na literatura que ela busca significado para sua vida. Mas quais textos literários são explicitamente citados, enquanto lidos pela protagonista? E como eles se integram à sua história?

O primeiro texto literário explicitamente mencionado como lido por Emma é o romance *Paul et Virginie* (Paulo e Virgínia, em português), de Bernardin de Saint-Pierre. Publicado em 1788, narra a história de amor de dois jovens que se conhecem desde a infância e vivem na ex-colônia francesa por nome *Ilha de França* (posteriormente *Ilha Maurício*). Na história, somos apresentados a um ambiente idílico e inocente em que a natureza dos homens é fruto direto da natureza com a qual eles se relacionam. As famílias dos protagonistas, que vivem como uma só e com pouco contato com a sociedade da ilha, preservam valores e características que lembram o ideal paradisíaco do jardim do Éden, e isso é traduzido no cerne da relação de amor entre Paulo e Virgínia. Essas personagens crescem como irmãos, zelando um pelo outro, cultivando um amor puro e solene, à semelhança de Adão e Eva antes da queda.

Ainsi croissaient ces deux enfants de la nature. Aucun souci n'avait ridé leur front, aucune intempérance n'avait corrompu leur sang, aucune passion malheureuse n'avait dépravé leur cœur: l'amour, l'innocence, la piété, développaient chaque jour la beauté de leur âme en grâces ineffables, dans leurs traits, leurs attitudes et leurs mouvements. Au matin de la vie, ils en avaient toute la fraîcheur : tels dans le jardin d'Éden parurent nos premiers parents lorsque, sortant des mains de Dieu, ils se virent, s'approchèrent, et conversèrent d'abord comme frère et comme sœur. Virginie, douce, modeste, confidante comme Ève ; et Paul, semblable à Adam, ayant la taille d'un homme avec la simplicité d'un enfant.⁵⁴

⁵³ FLAUBERT, 2001, p. 84.

⁵⁴ SAINT-PIERRE, 1992, (p. 126).

“Cresciam, assim como filhos da natureza. Nenhuma preocupação lhes enrugara a fronte, nenhuma intemperança lhes corrompera o sangue, nenhuma paixão infeliz lhes depravara o coração; o amor, a inocência, a piedade lhes

Contudo, também têm suas vidas perturbadas pela intervenção de outrem – nesse caso, Madame de la Tour, mãe de Virgínia – que retarda o plano de fazê-los casarem-se um com o outro por acreditar que eles ainda eram muito jovens para se comprometerem. A fim de ganhar tempo para que os protagonistas amadurecessem, Madame de la Tour envia Virgínia a Paris para reclamar a herança de uma parente e estudar. Alguns anos depois, Virgínia retorna à ilha, mas o navio que a trazia de volta naufraga e ela morre sob o olhar desesperado de Paulo, que tenta, sem sucesso, salvar a moça. O rapaz não resiste à perda, por isso definha e morre em seguida, com esperanças de se reencontrar com a amada, e finalmente permanecerem juntos pela eternidade.

O romance de Saint-Pierre foi escrito no final do século XVIII, quando os ideais iluministas estavam no auge de sua representatividade. Partindo das ideias de Jean-Jacques Rousseau, o autor de *Paulo e Virgínia* defendeu que a educação do homem longe da civilização, enriquecia o caráter com valores morais mais nobres. Emma lê esse romance quando ainda era jovem.

Elle avait lu *Paul et Virginie* et elle avait rêvé la maisonnette de bambous, le nègre Domingo, le chien Fidèle, mais surtout l'amitié douce de quelque petit bon frère, qui va chercher pour vous des fruits rouges dans des grands arbres plus hauts que des clochers, ou qui court pieds nus sur le sable, vous apportant un nid d'oiseau.⁵⁵

Esses elementos ficaram guardados em seu imaginário, já que Emma sonha com eles e os retoma algumas vezes ao longo da narrativa, sempre associando à felicidade, a simplicidade, o estado natural das coisas e a pureza dos sentimentos. Até se ligar a Charles em casamento, toma Virgínia como um referencial de conduta, pois Emma deseja assemelhar-se a ela, em certos pontos, como na dedicação que Virgínia tem por Paulo, no prazer que têm na companhia um do outro.

devolviam, dia a dia, a beleza da alma em graças inefáveis, que transpareciam nos braços, nas atitudes e nos movimentos. Tinham toda a frescura da vida. Lembravam nossos primeiros pais no jardim do Éden quando, saindo das mãos de Deus, se viram, se aproximaram e conversaram, primeiro como irmão e irmã. Virgínia, meiga, modesta, confiante como Eva; e Paulo, semelhante a Adão, com a altura de homem e a simplicidade de menino.” (p. 33, 34).

⁵⁵ FLAUBERT, op. cit., p. 84, 85.

“Ela havia lido *Paul et Virginie* e tinha sonhado com a casinha de bambu, com o negro Domingo, com o cão Fiel, mas sobretudo com a doce amizade de algum irmãozinho, que vai buscar para você os frutos vermelhos nas grandes árvores mais altas do que os campanários, ou que corre descalço pela areia, trazendo-lhe um ninho de passarinhos.” (p. 115).

A principal característica de Virgínia é ser virtuosa. Mesmo amando Paulo e desejando mais do que tudo permanecer perto dele e de suas famílias, ela se submete à mãe, abre mão da própria vontade e embarca para a Europa, ausentando-se por mais de três anos de sua terra natal e de sua vida pregressa. Em um dado momento, Emma também se sentiu assim, quando mudou-se tão juvenzinha, aos treze anos, da casa do pai para estudar no convento. O fato é que, quando jovem, ela nutre o desejo por um amor juvenil, puro e inocente. E ainda no convento faz várias leituras com histórias de teor semelhante. Em comum, essas histórias tinham o mesmo tipo de “fantasmagoria das realidades sentimentais” que tanto lhe agradavam e alimentavam seus devaneios amorosos.

À semelhança da figura de Virgínia, Emma tenta retomar a postura de mulher virtuosa e recatada quando é assediada pelo escrivão de Yonville, o sr. Léon Dupuis, e se descobre apaixonada pelo rapaz. Logo assume uma postura de esposa e mãe dedicada, a fim de repelir qualquer tentativa de avanço do escrivão. Renuncia a seus gostos, tais como assinaturas de música, defende que uma boa mãe de família não se preocupa com a toalete, leva a sério o cuidado com a casa, retoma as idas à igreja e ainda retira sua filha dos cuidados da ama. Esperava Charles voltar ao lar para recebê-lo com confortos, cuidava de deixá-lo ainda mais bem apresentável à sociedade. Aparenta ser tão virtuosa e dedicada à família, que Léon não a vê mais com desejos carnis, mas sim como se fosse uma santa, digna de admiração.

Mais plus Emma s’apercevait de son amour, plus elle le refoulait, afin qu’il ne parût pas, et pour le diminuer. Elle aurait voulu que Léon s’en doutât ; et elle imaginait des hasards, des catastrophes qui l’eussent facilité. Ce qui la retenait, sans doute, c’était la paresse ou l’épouvante, et la pudeur aussi. Elle songeait qu’elle l’avait repoussé trop loin, qu’il n’était plus temps, que tout était perdu. Plus l’orgueil, la joie de se dire : « Je suis vertueuse », et de se regarder dans la glace en prenant des poses résignées, la consolait un peu du sacrifice qu’elle croyait faire.⁵⁶

Contudo, Emma não suporta manter-se nessa representação de mulher virtuosa que se sacrifica por todos. De tanto tentar reprimir seus desejos, ela alimenta ainda mais os apetites da

⁵⁶ Id., *ibid.*, p. 169.

“Mas quanto mais Emma se dava conta de seu amor, mais o recalrava, a fim de que não aparecesse e para diminuí-lo. Ela gostaria que Léon duvidasse dele; e imaginava acasos, catástrofes que facilitassem isso. O que a retinha, por certo, era a preguiça ou o espanto, e o pudor também. Achava que o tinha repellido para muito longe, que não era mais tempo, que tudo estava perdido. Depois o orgulho, a alegria de se dizer: ‘Eu sou virtuosa’, e de se olhar no espelho fazendo poses resignadas, a consolava um pouco do sacrifício que acreditava estar fazendo.” (p. 201).

carne. Quanto mais Charles a trata bem, mais ela o detesta. « La médiocrité domestique la poussait à des fantaisies luxueuses, la tendresse matrimoniale en des désirs adultères »⁵⁷. Ela não consegue esquecer nem se distanciar do encantamento romântico causado pelo conteúdo de seus livros. Como Virgínia, e as demais heroínas que lhe serviam de inspiração, ela desejava, mais que antes, estar entre os braços do ser amado. « ‘C’est par les sensations, donc par les choses de la nature, que les sentiments viennent à l’âme’ »⁵⁸.

A leitura, que antes já lhe excitava os sentimentos e contribuía para forjar uma alma sonhadora e, necessariamente, insatisfeita com a própria realidade, agora – embora seja de um tipo diferente daquela experimentada na adolescência – continua a fornecer-lhe alimento e fuga para o espírito e, ao mesmo tempo, imagens e idéias que tenta reproduzir no seu dia-a-dia, mas que acabam por torná-la ainda mais insatisfeita.⁵⁹

Contudo, para Léon já era tarde. A conduta de esposa e mãe esmerada de Emma faz com que ele perca as esperanças de obter algum sucesso. Além disso, ele é muito tímido para dar passos mais ousados em relação a ela, então eles se separam. O rapaz vai concluir os estudos em Paris e Emma sofre pelo afastamento entre eles. A separação lhe afeta a saúde tal qual exemplos de heroína de seus romances. Com Rodolphe Boulanger acontece algo semelhante. Emma também sofre intensamente com a separação. Contudo, com este ela vive um caso extraconjugal. Como Rodolphe tem um temperamento muito diferente do de Léon, ele investe todo o seu ardil para conquistar a sra. Bovary.

O tema da separação dos enamorados encontra-se presente tanto em *Paul et Virginie* como nos próximos romances lidos por Emma. Em *The Bride of Lammermoor* (A noiva de Lammermoor), de Walter Scott (1830), Lucy Ashton troca juras de amor e dá sua palavra de que casaria com Edgar Ravenswood. Porém, os jovens pertencem a famílias rivais, e mesmo que Edgar resolva deixar de lado suas desavenças com a família da moça, e o pai dela, sir William Ashton, atual dono dos principais domínios e bens dos Ravenswood, consinta com o casamento, a mãe de Lucy, lady Ashton, tem outros planos para a filha. Edgar viaja da Escócia para a França,

⁵⁷ FLAUBERT, op. cit., p. 170.

“A mediocridade doméstica a levava a fantasias luxuosas, a ternura matrimonial a desejos adúlteros.” (p. 201, 202).

⁵⁸ Comentário de Robert Mauzi em prefácio de SAINT-PIERRE, op. cit., p. 18.

“É por meio das sensações, portanto que pelas coisas da natureza, que os sentimentos vêm à alma.” [Tradução nossa].

⁵⁹ SAMPAIO, 2002, p. 6, 7.

e a senhora esconde as cartas enviadas por Edgar para Lucy, convencendo a filha de que o jovem a esqueceu. Lady Ashton está determinada a casar a filha com o rico Arthur Bucklaw, com quem por fim, a moça fica noiva.

Edgar retorna de viagem e descobre que sua amada está noiva de outro. Na noite de núpcias, Lucy enlouquece e tenta matar o marido, mas este sobrevive e ela morre. Acreditando que Edgar Ravenswood é o responsável pela morte de sua irmã, Sholto Ashton insiste que eles se enfrentem em um duelo, mas Edgar morre misteriosamente a caminho do combate, segundo uma antiga profecia contra a casa dos Ravenswood. Apesar de ser uma história fictícia, o livro baseia-se em uma história real. No Brasil, o livro foi publicado em 1953 pela editora Saraiva na coleção “Saraiva” e em 1964 pela editora *Paulinas* na coleção “A Primavera”, ambas as publicações com o título *Lúcia de Lammermoor*.

O romance foi adaptado como ópera em três atos, “Lucia di Lammermoor”, em 1835 pelo italiano Gaetano Donizetti (1797-1848). Emma assiste a essa ópera acompanhada de Charles, no teatro de Rouen, e segue cada movimento como se assistisse aos atos de sua própria vida. Sentia-se como se tivesse sido obrigada a casar com um homem que não amava, e obrigada a se afastar daquele que julgava seu amado, Rodolphe, com quem havia ela própria trocado juras de amor. Nesse ponto da narrativa, Emma já estava afastada de Léon e de Rodolphe. Aos seus próprios olhos, seu sofrimento parecia equivaler ao das heroínas de suas leituras, assim como antes ouvia a legião lírica daquelas mulheres adúlteras fazer coro “em sua memória com vozes de irmãs que a encantavam. Tornava-se ela própria como uma parte verdadeira daquelas imaginações e realizava o longo devaneio de sua juventude, considerando-se o tipo de amante a quem tanto tinha invejado.⁶⁰” Mas o amante a havia abandonado, e Emma vai assistir à ópera a fim de distrair o coração de suas dores.

Elle se retrouvait dans les lectures de sa jeunesse, en plein Walter Scott.

[...]

Ah ! si, dans la fraîcheur de sa beauté, avant les souillures du mariage et le désillusion de l’adultère, elle avait pu placer sa vie sur quelque grand cœur solide, alors la vertu, la tendresse, les voluptés et le devoir se confondant, jamais elle ne serait descendue d’une félicité si haute. Mais ce bonheur-là, sans doute, était un mensonge imaginé pour le désespoir de tout désir. Elle connaissait à

⁶⁰ FLAUBERT, 2011, p. 263.

présent la petitesse des passions que l'art exagérait. S'efforçant donc d'en détourner sa pensée, Emma voulait ne plus voir dans cette reproduction de ces douleurs qu'une fantaisie plastique bonne à amuser les yeux, et même elle souriait intérieurement.⁶¹

Esse grande momento de identificação serve de remédio à alma de Emma. No intervalo da apresentação, ela se sente sufocada e Charles vai lhe buscar algo para beber, para que não desmaie. No caminho encontra-se com Léon que está de volta da viagem à Paris, formado advogado e morando em Rouen. O antigo escrivão de Yonville vai até o camarote onde se encontravam os Bovary, para cumprimentar Emma, mas ela não acredita na maneira como a vida traz o moço de volta aos seus olhos. Imediatamente ela retoma todos os sentimentos que teve por ele, e que não sentia desde aquela tarde em que se disseram adeus. Desistem da ópera e os três saem para tomar sorvete e conversar, onde ouviam as pessoas que deixavam o teatro cantando: *Ó belo anjo, minha Lucie!* A cena parece continuar o espetáculo que acontecia no teatro. Se Emma fundiu sua própria existência com a encenação a que assistia, agora, a ópera reverbera na conversa com os dois senhores.

Outro ponto passível de comparação entre o romance de Flaubert e o de Scott é o “gosto pelo romântico” de suas protagonistas. A descrição feita sobre Lucy Ashton é a seguinte:

Yet her passiveness of disposition was by no means owing to an indifferent or unfeeling mind. Left to the impulse of her own taste and feelings, Lucy Ashton was peculiarly accessible to those of a romantic cast. Her secret delight was in the old legendary tales of ardent devotion and unalterable affection, chequered as they so often are with strange adventures and supernatural horrors. This was her favoured fairy realm, and here she erected her aerial palaces. But it was only in secret that she laboured at this delusive though delightful architecture.⁶²

⁶¹ FLAUBERT, 2001, p. 302, 305.

“Ela se reencontrava nas leituras de sua juventude, em pleno Walter Scott.

[...]

Ah! Se, no frescor de sua beleza, antes das corrupções do casamento e da desilusão do adultério, ela tivesse podido colocar a sua vida sobre algum grande coração firme, então, confundindo-se a virtude, a ternura, as volúpias e o dever, jamais ela teria descido de uma felicidade tão alta. Mas aquela felicidade, sem dúvida, era uma mentira imaginada para o desespero de qualquer desejo. Conhecia agora a pequenez das paixões que a arte exagerava. Esforçando-se, então, por desviar disso o pensamento, Emma não queria ver nessa reprodução de suas dores nada mais do que uma fantasia plástica, boa para distrair os olhos, e até sorria interiormente”. (p. 332, 335).

⁶² SCOTT, 2006, p. 33.

“Mas a sua passividade não significava frieza ou secura de alma. Livre para obedecer aos seus sentimentos e aos seus gostos, Lucy Ashton era particularmente acessível ao romântico. Deliciara-se com os contos lendários; constituíam o seu reino de fantasia, onde construía os seus castelos no ar. (p. 13) tradução: Edições Romano Torres, Lisboa, 1966.

Assim como Emma, Lucy tinha feições delicadas, de uma beleza encantadora, e um estado de espírito que tendia para o romântico. Certo dia, em passeio com seu pai, eles foram atacados por um touro selvagem. Na iminência da morte, Edgar Ravenswood aparece e os resgata, conquistando com a atitude, toda a gratidão de ambos, pai e filha. Esse episódio fica muito marcado no pensamento de Lucy

Visions of terror, both in sleep and in waking reveries, recalled to her the form of the furious animal, and the dreadful bellow with which he accompanied his career; and it was always the image of the Master of Ravenswood, with his native nobleness of countenance and form, that seemed to interpose betwixt her and assured death. It is, perhaps, at all times dangerous for a young person to suffer recollection to dwell repeatedly, and with too much complacency, on the same individual; but in Lucy's situation it was almost unavoidable. She had never happened to see a young man of mien and features so romantic and so striking as young Ravenswood; but had she seen an hundred his equals or his superiors in those particulars, no one else would have been linked to her heart by the strong associations of remembered danger and escape, of gratitude, wonder, and curiosity. I say curiosity, for it is likely that the singularly restrained and unaccommodating manners of the Master of Ravenswood, so much at variance with the natural expression of his features and grace of his deportment, as they excited wonder by the contrast, had their effect in riveting her attention to the recollections.⁶³

O relativo isolamento em que Lucy vivia proporcionava o mesmo tipo de uso da imaginação criativa⁶⁴ que Emma experimentou no período em que estudou no convento e que se repetiu de maneira esparsa, em alguns momentos da narrativa de Flaubert. Com muito pouca informação sobre o misterioso e galante sr. de Ravenswood, Lucy se põe a pensar em um possível futuro ou em situações alternativas, ambas atitudes perigosas para ela mesma.

She knew little of Ravenswood, or the disputes which had existed betwixt her father and his, and perhaps could in her gentleness of mind hardly have comprehended the angry and bitter passions which they had engendered. But she knew that he was come of noble stem; was poor, though descended from the

⁶³ SCOTT, op. cit., p. 50.

“De noite, o seu sono era povoado por pesadelos medonhos e de dia caía frequentes vezes em profundos devaneios. Tão depressa via o touro furioso correndo sobre ela, como recordava as feições severas e o vulto elegante do senhor de Ravenswood que a tinha salvo da morte inevitável. Para uma rapariga, é sempre perigoso pensar continuamente no mesmo homem, mas, na situação de Lucy, o perigo tornava-se ainda maior. Nunca tinha encontrado fidalgo com aspecto tão nobre como Ravenswood, mas embora conhecesse muitos, ele teria sobre os outros grandes vantagens, pois a seu favor falavam o reconhecimento, o espanto e a curiosidade.” (p. 25).

⁶⁴ No sentido de fazer uso da imaginação para devanear, projetar, e mesmo criar situações fictícias na realidade.

noble and the wealthy; and she felt that she could sympathise with the feelings of a proud mind, which urged him to recoil from the proffered gratitude of the new proprietors of his father's house and domains. Would he have equally shunned their acknowledgments and avoided their intimacy, had her father's request been urged more mildly, less abruptly, and softened with the grace which women so well know how to throw into their manner, when they mean to mediate betwixt the headlong passions of the ruder sex? This was a perilous question to ask her own mind - perilous both in the idea and its consequences. *Lucy Ashton, in short, was involved in those mazes of the imagination which are most dangerous to the young and the sensitive.* Time, it is true, absence, change of scene and new faces, might probably have destroyed the illusion in her instance, as it has done in many others; but her residence remained solitary, and her mind without those means of dissipating her pleasing visions. This solitude was chiefly owing to the absence of Lady Ashton, who was at this time in Edinburgh, watching the progress of some state-intrigue; the Lord Keeper only received society out of policy or ostentation, and was by nature rather reserved and unsociable; and thus *no cavalier appeared to rival or to obscure the ideal picture of chivalrous excellence which Lucy had pictured to herself in the Master of Ravenswood.*⁶⁵ [grifos nossos].

Mesmo com o depoimento de pessoas que tinham conhecimento sobre a personalidade e as intenções de Edgar, Lucy não aceita nada que não condiz com a imagem de perfeito cavalheiro que ela formou, fenômeno não estranho à própria Emma. A sra. Bovary também tem devaneios com desconhecidos, como quando dança com o conde no baile em Vaubyessard, ou ainda, quando se imagina sendo resgatada de toda sua dor e sofrimento pelo também misterioso e galante ator que interpreta o mesmo Edgar de Lucy, na encenação em Rouen.

Il devait avoir, pensait-elle, un intarissable amour, pour en déverser sur la foule à si larges effluves. Toutes ses velléités de dénigrement s'évanouissaient sous la poésie du rôle qui l'envahissait, et, entraînée vers l'homme par illusion du personnage, elle tâcha de se figurer sa vie, cette vie retentissante, extraordinaire, splendide, et qu'elle aurait pu mener cependant, si le hasard l'avait voulu. Ils se seraient connus, ils se seraient aimés ! Avec lui, par tous les royaumes de

⁶⁵ SCOTT, op. cit., p. 50, 51.

“Além disso, ignorava por completo as dissensões que separavam as duas famílias, nem o seu carácter meigo perflharia sentimentos de ódio e de vingança. Sabia apenas que Ravenswood pertencia a família ilustre, mas pobre, e supunha adivinhar e compreender as susceptibilidades de um espírito orgulhoso e altivo que se recusava a aceitar as expressões de agradecimento dos actuais proprietários dos domínios que haviam pertencido aos seus maiores. Teria sido diferente se, em vez de sir William, tivesse sido ela a agradecer com essas palavras que todas as mulheres tão bem sabem encontrar para acalmarem as paixões masculinas? Interrogações perigosas, problemas vagos, muito perigosos também, para corações jovens e sinceros de Lucy.

Se depois do incidente tivesse mudado de ambiente, encontrasse distrações ou frequentasse a sociedade, talvez tudo esquecesse pouco a pouco. Mas o isolamento em que vivia criava atmosfera propícia a estes devaneios. Lady Ashton ausentara-se para Edimburgo, as visitas de lorde Ashton eram de carácter político, pessoas respeitáveis, de certa idade que, por forma alguma, poderiam ofuscar o ideal cavalheiresco que Lucy formara do senhor Ravenswood.” (p. 25, 26).

l'Europe, elle aurait voyagé de capitale en capitale, partageant ses fatigues et son orgueil, ramassant les fleurs qu'on lui jetait, brochant elle-même ses costumes ; puis, chaque soir, au fond d'une loge, derrière la grille à treillis d'or, elle eût recueilli, béante, les expansions de cette âme qui n'aurait chanté pour elle seule ; de la scène, tout en jouant, il l'aurait regardée. Mais une folie la saisit : il la regardait, c'est sûr ! Elle eut envie de courir dans ses bras pour se réfugier en sa force, comme dans l'incarnation de l'amour même, et de lui dire, de s'écrier :

« Enlève-moi, emmène-moi, partons ! À toi, à toi ! toutes mes ardeurs et tous mes rêves ! »⁶⁶

Essas versões alternativas de sua vida visam preencher o espaço vazio que seu casamento e o caso com Rodolphe deixaram, bem como provocar fortes sensações, que Emma busca tão incessantemente. A passagem anterior ocorre momentos antes de Charles reencontrar Léon e trazê-lo ao camarote dos Bovary, momentos antes do antigo amor aqui já esquecido por Emma, reentrar em sua vida. Ela se coloca, como nunca, no lugar da “noiva de Lammermoor”, misturando ficção e realidade de uma maneira que a leva a certo estado de loucura e delírio que a fazem passar mal. Aqui temos mais um ponto de virada na vida da heroína de Flaubert. O reencontro com Léon desperta antigas sensações nela. Esse reencontro nos leva ao próximo texto mencionado pela protagonista, *La Tour de Nesle*, de Alexandre Dumas.

Publicado em 1832, o drama em cinco atos se baseia no caso da Torre de Nesle, um escândalo de adultério cometido por duas princesas francesas, Margarida de Borgonha e Branca de Borgonha, respectivamente esposas dos futuros reis Luís X e Carlos IV de França. A história da torre também é uma lenda do século XV, que diz que uma rainha da França, provavelmente no período do reinado de Filipe *o Belo*, se encontrava com seus amantes na torre e lançava-os no rio Sena após se deitar com eles, para manter suas aventuras em segredo.

Juntando essas duas premissas, a peça de Dumas narra as aventuras de uma mulher

⁶⁶ FLAUBERT, 2001, p. 305, 306.

“Ele devia ter, pensava ela, um inestancável amor, para derramá-lo sobre a multidão em tão vastos eflúvios. Todas as suas veleidades de denegrir se desfaziam sob a poesia do papel que a invadia e, atraída para o homem pela ilusão da personagem, esforçou-se por representar-se a própria vida, essa vida retumbante, extraordinária, esplêndida, e que ela poderia ter levado, entretanto, se o acaso assim tivesse querido. Eles ter-se-iam conhecido, ter-se-iam amado! Com ele, por todos os reinos da Europa, ela teria viajado de capital em capital, repartindo as suas fadigas e o seu orgulho, recolhendo as flores que atiravam nele, bordando ela mesma as suas roupas; depois, a cada noite, no fundo de um camarote, atrás da grade de treliça dourada, ela recolheria, boquiaberta, as expressões dessa alma que não teria cantado senão para ela só; do palco, enquanto representava, ele teria olhado para ela. Mas uma loucura se apossou dela: ele olhava para ela, é certo! Ela teve vontade de correr para os seus braços para refugiar-se em sua força, como na encarnação do próprio amor e de dizer-lhe, de gritar: “Rapte-me! Leve-me, partamos! A ti, a ti! todos os meus ardores e todos os meus sonhos!” (p. 336).

adúltera, a rainha Marguerite de Bourgogne, que usava a referida torre para se encontrar com homens, promover orgias e prazeres para si e para suas irmãs. A rainha, que tinha vários amantes, se aproveitava da ausência do marido para viver suas aventuras na Torre, mas dizia ter amor pelo personagem de Gaultier Daulnay. Para que não fosse pega em flagrante ato de adultério, ela contava com um esquema muito bem armado para se livrar dos amantes. Cada encontro só durava uma noite. Logo após o ato, um seletivo grupo de homens sob as ordens de um empregado de confiança assassinava o amante e o jogava no rio Sena.

O conflito central da peça acontece porque Marguerite marca um encontro com Philippe Daulnay, irmão daquele que ela diz amar, sem ter o conhecimento do grau de parentesco entre esses homens, mas seus estratagemas não funcionam como de costume. Ela se encontra com os amantes sempre à meia luz e com uma máscara cobrindo as feições de seu rosto, para não ser identificada. Contudo, após deitar-se com Philippe, sente algo diferente pelo rapaz e decide poupar-lhe a vida, mas o rapaz insiste em deixá-la somente após saber o nome da dama que o fez desfrutar dos prazeres desta noite.

- Marguerite : « Non, non, pas une heure, pas un instant, partez ! C'est moi qui vous en prie... Partez sans regarder en arrière, sans vous souvenir de cette nuit d'amour, sans en parler à personne, sans en dire un mot à votre meilleur ami... Partez ! quittez Paris, voyez-vous, quittez-le ! je vous l'ordonne, partez ! »

- Philippe : « Eh bien ! oui, je pars... mais ton nom ?... Dis-moi ton nom, qu'il puisse bruire éternellement à mon oreille, qu'il se grave à jamais dans mon cœur... Ton nom ! pour que je le redise dans mes rêves. Je devine que tu es belle, que tu es noble ; tes couleurs, que je les porte ; je t'ai trouvée parce que tu l'as voulu ; mais depuis long-temps je te cherchais. Ton nom dans un dernier baiser, et je pars. »

- Marguerite : « Je n'ai pas de nom pour vous ! Cette nuit passée, tout est fini entre vous et moi ; je suis libre, et je vous rends libre. Nous sommes quittes des heures passées ensemble. Je ne dois rien à vous, et vous rien à moi... Obéissez-moi donc si vous m'aimez... obéissez-moi encore si vous ne m'aimez pas ; car je suis femme, je suis chez moi, je commande. Notre partie nocturne est rompue, je ne vous connais plus... sortez ! »⁶⁷

⁶⁷ DUMAS, 1832, p. 17, 18.

- Marguerite : « Não, não, não uma hora, não um instante, vá! Sou eu que lhe imploro...

Vá sem olhar para trás, sem se lembrar dessa noite de amor, sem contar para ninguém, sem dizer uma palavra a seu melhor amigo... Vá! deixe Paris! Eu te ordeno, vá! »

- Philippe : « Pois bem! sim, eu partirei... mas teu nome!... diga-me teu nome, para que ele possa ressoar eternamente em meus ouvidos, para que fique registrado para sempre em meu coração... Teu nome! para que eu o diga em meus sonhos. Eu posso adivinhar que você é bela, nobre; tuas cores, que eu as levo; eu te encontrei porque você quis; mas há muito tempo eu te procurava. Teu nome em um último beijo e eu me vou! »

- Marguerite : « Eu não tenho nome para você! Esta noite findada, tudo se acaba entre você e eu; sou livre, e te deixo

Nesse trecho, temos acesso não só à práxis de Marguerite para se manter incólume, como também ao seu caráter, extremante forte, decidido, de uma mulher que deseja apenas satisfazer-se como lhe aprouver, sem qualquer ligação de dependência ou mesmo de amor a quem se relaciona. Ela é mais velha que os irmãos Daulnay, e suas atitudes ao longo da narrativa revelam quão dona de si ela é. Suas estratégias para se encontrar com os amantes são elaboradas, ousadas, por vezes extravagantes. E mesmo que as pessoas desconfiem de algo suspeito, suas atitudes não deixam muito espaço para que se sinta ameaçada. Emma não conta com tanta força de caráter e autoconfiança quanto Marguerite, não em mesmo nível. Não obstante, também tenta ser ousada com seus amantes. A atitude de Marguerite, e de outras personagens femininas de suas leituras, parece não só lhe servir de inspiração, mas também de verdadeira motivação.

Com Rodolphe, Emma chega ao ponto de encontrar-se com ele em sua própria casa, debaixo do mesmo teto que partilha com o marido e a filha, correndo o risco extremo de ser pega em flagrante. Esse tipo de atitude, demonstra que ela tem coragem e ousadia. Contudo, seja por apreciar a adrenalina causada pela emoção da iminente descoberta, seja por considerar seu marido um homem por demais obtuso para sequer suspeitar de suas atitudes, Emma se arrisca, e ainda se aproveita da situação para tentar despertar os brios do orgulho do amante, insinuando que o marido poderia lhe fazer grande mal caso os pegasse no ato de traição. Com Léon, adota a estratégia de tomar aulas de piano em Rouen, para justificar suas idas à cidade e assim ter como encontrar-se com o jovem senhor. Ela engana Charles de todas as maneiras possíveis, manipulando toda sorte de situações, inclusive envolvendo questões financeiras da família, para se encontrar com Léon. Eles tinham sua própria *Tour de Nesle*, em Rouen. Um quarto de hotel onde sempre se encontravam e que exibia ilustrações da Torre em suas paredes.

Um dia, resolvem fazer um passeio de barco, ocasião em que Emma recita versos do poema *Le Lac*, de Alphonse de Lamartine. Publicado na obra *Méditations Poétiques*, em 1820, o poema narra a lembrança de momentos de um encontro entre dois amantes à beira de um lago, que lhes serve como testemunha de seu amor. Ao recitar os versos para Léon, Emma convida o lago em que fazem seu próprio passeio, para ser testemunha de seu amor. O conteúdo dos textos

livre. Estamos quites das horas que passamos juntos. Não te devo nada e você não me deve nada... Obedeça-me se me ama... obedeça-me mesmo se não me ama; pois sou uma mulher, estou em minha casa, eu comando. Nossa partida noturna foi interrompida, não te conheço mais... saia! » [Tradução nossa].

parece se entrelaçar para contar a história do caso de amor entre Emma e Léon.

Une fois, la lune parut; alors ils ne manquèrent pas à faire des phrases, trouvant l'astre mélancolique et plein de poésie ; même elle se mit à chanter :

Un soir, t'en souvient-il ? nous voguions, etc.⁶⁸

Sa voix harmonieuse et faible se perdait sur les flots ; et le vent emportait les roulades que Léon écoutait passer, comme des battements d'ailes, autour de lui. Elle se tenait en face, appuyée contre la cloison de la chaloupe, où la lune entrait par un des volets ouverts. Sa robe noire, dont les draperies s'élargissaient en éventail, l'amincissait, la rendait plus grande. Elle avait la tête levée, les mains jointes, et les deux yeux vers le ciel. Parfois l'ombre des saules la cachait en entier, puis elle réapparaissait tout à coup, comme une vision, dans la lumière de la lune.⁶⁹

Cada texto referenciado por Emma parece ampliar sua própria narrativa. Por vezes, o texto citado dá mais profundidade à narrativa da sua história, outras vezes parece antecipar os acontecimentos que a protagonista ainda vai experimentar. Em comum, os textos trazem um final trágico, quase sempre com a morte dos protagonistas ou com perdas materiais e/ou emocionais. Ao chegar à conclusão da história de Emma Bovary, percebemos que não houve um grande salto de aprendizagem para a personagem, no sentido de se dar conta dos danos que os textos lidos causam à sua imaginação, distorcendo sua realidade de maneira a lhe causar danos. Emma falha em lidar com essas questões que tangem a realidade, mas é efetiva em encontrar uma alternativa para se evadir dela, e, a seu modo, lutar contra ela. Por desejar ardentemente passar pelas mesmas situações das heroínas que lhe serviram de inspiração, Emma termina por ter o mesmo tipo de final trágico. Por essa razão, parece não ter uma identidade própria, mas sim uma fusão de identidades apropriadas de suas musas, uma coleção de elementos selecionados por ela, mas sem maturidade ou discernimento de um todo unificado e organizado, como uma coleção de vidas.

⁶⁸ O poema completo encontra-se nos anexos, assim como sua tradução.

⁶⁹ FLAUBERT, 2001, p. 340, 341.

“Uma vez, a lua apareceu; então não deixaram de fazer frases, achando o astro melancólico e cheio de poesia; ela até se pôs a cantar:

Un soir, t'en souvient-il, nous voguions...

Sua voz harmoniosa e fraca se perdia sobre as ondas; e o vento levava as volatas que Léon escutava passar, como batidas de asas, em torno dele.

Ela se mantinha em face dele, apoiada na divisória da chalupa, onde a lua entrava pelas janelas abertas. Seu vestido preto, cujos drapeados se abriam em leque, a tornava mais esbelta, mais alta. Mantinha a cabeça levantada, as mãos juntas e os olhos para o céu. Por vezes as sombras dos salgueiros escondiam-na por inteiro, depois ela reaparecia de repente, como uma visão, na luz da lua.” (p. 372).

Mario Vargas Llosa (2015) declara que se Emma Bovary não tivesse lido todos aqueles romances, seria possível que ela tivesse tido um destino diferente. Talvez ela tivesse encontrado a mesma calma e complacência que as demais matronas de Yonville. O impacto dos livros na vida da personagem Emma é incomensurável e, nisso, a educação literária que recebe tem um papel determinante na formação de seu caráter e de sua mentalidade. Na verdade, o que a difere das demais mulheres de Yonville é a qualidade de educação literária que recebe, e a maneira como ela se relaciona com os textos. Os textos selecionados e a maneira como lê desde a infância, sem nenhum tipo de orientação ou figura de tutor, contribuem para a perda da percepção da realidade, colaborando para que ela desenvolva suas próprias ideias acerca do que deve ser o amor, do que deve compor a vida conjugal. Também podemos dizer que ela não encontrou muitas pessoas para conversar, para trocar confidências e dar conselhos. Falta-lhe, não somente um interlocutor, mas também alguém que colabore com seu desenvolvimento⁷⁰. As figuras de autoridade em sua vida não interferem na escolha do material a ser lido, nem contribuem para o amadurecimento dela enquanto leitora, muito menos enquanto *pessoa*, fazendo da literatura mais um item de consumo para ela, assim como os vestidos, os itens de decoração da casa, ou qualquer outra coisa que esteja na moda.

Acima de qualquer outra coisa, Emma deseja pertencer a uma classe social à qual não faz parte, nem condiz com suas posses, a aristocracia, e nisso resolve satisfazer seus desejos por meio de subterfúgios que a façam se sentir como uma aristocrata, cercada de luxos. Emma não se satisfaz, nem se contenta com os costumes de província aos quais é submetida, por isso sua fixação por Paris⁷¹, símbolo de nobreza aos seus olhos. Em texto escrito sobre o romance de Flaubert, Carpeaux lembra-nos que

⁷⁰ Quando dizemos que Emma não conta com uma figura que coopere com seu amadurecimento, nos referimos ao fato de ter alguém, homem ou mulher, mais experiente para orientá-la ou ajudá-la a passar pelas diversas fases que levam ao amadurecimento da fase de criança à idade adulta. Ela cresce sem mãe, seu pai não participa efetivamente de sua educação, ela recebe educação formal num convento, mas também somente o tempo e o conteúdo necessários que o Estado julga ser conveniente a uma mulher da época, não tem amigos nem faz parte de uma sociedade em que possa se relacionar e/ou trocar experiências, fazendo com que os livros sejam, quase que exclusivamente, sua companhia.

⁷¹ Emma tinha verdadeiro fascínio por Paris e pelo que essa cidade representava. A imagem de beleza, nobreza e luxo povoava os sonhos dela com muita frequência e relevância. Muitos de seus modelos vêm de lá. Ela compra um mapa da cidade e se imagina passeando por suas ruas, frequentando os teatros e a alta sociedade, acompanhando as novas modas. Algumas de suas leituras de romances lhe serviam de fonte de conhecimento sobre a cidade e seus hábitos: “Estudou, em Eugène Sue, descrições de mobiliário; leu Balzac e Georges Sand, procurando neles lenitivos imaginários para as suas cobiças pessoais. Mesmo à mesa, trazia o livro e virava folhas enquanto Charles comia falando com ela.” (FLAUBERT, 2011, p. 141).

A França é o país mais centralizado do mundo. Tudo que tem valor ou interesse está concentrado em Paris. Para a província só ficam os não-valores e os sonhos decepcionados, os ressentimentos e as paixões recalçadas. Por isso mesmo é a província o ambiente preferido do romance francês, como um laboratório em que se podem realizar experiências psicológicas. Na província, se passa a maior parte dos romances de Balzac; ainda será provinciano o ambiente de *La Nausée*, de Sartre - Flaubert reduziu a província à estupidez dela, incapacidade intelectual, emocional e insensibilidade moral. Essa estupidez conforme Flaubert, pode ter muitas formas, e uma dessas formas é o pseudo-romantismo de Emma.⁷²

Com esse histórico, tudo leva a sra. Bovary a crer que o sentimento chamado amor, na verdade é uma sensação, semelhante ao calor ou ao frio, algo que deveria gerar aquelas três palavras que a impulsionaram durante toda a sua existência: *felicidade, paixão, embriaguez*. Essa era a ideia que tinha sobre o amor, e ela pensava que encontraria isso no casamento. Como Charles não corresponde à sua visão e suas expectativas, Emma busca vivê-las com os amantes.

Krasnopolska (2010) afirma que, encantada por seus livros românticos, Emma busca um refúgio fora da realidade, desconfortável e inaceitável para ela, entre os braços de seus amantes, como suas heroínas. Ela se olha no espelho e diz a si mesma:

« J'ai un amant! Un amant ! » se délectant à cette idée comme à celle d'une autre puberté qui lui serait survenue. Elle allait donc posséder enfin ces joies de l'amour, cette fièvre du bonheur dont elle avait désespéré. Elle entrait dans quelque chose de merveilleux où tout serait passion, extase, délire ; une immensité bleuâtre l'entourait, les sommets du sentiment étincelaient sous sa pensée, et l'existence ordinaire n'apparaissait qu'au loin, tout en bas, dans l'ombre, entre les intervalles de ces hauteurs.⁷³

Krasnopolska acrescenta que Emma aspira ser e viver sua vida como uma verdadeira heroína romântica, uma mulher inclinada aos sonhos e por consequência, se torna uma leitora ávida de romances e poemas que abundam em clichês românticos, enumerados por Flaubert com uma erudição irônica. Ela se torna tão sentimental que seus amantes se cansam dela, e por isso a

⁷² Texto publicado no prefácio da edição de *Madame Bovary* da Ediouro, com tradução de Sérgio Duarte.

⁷³ FLAUBERT, op. cit., p. 232.

“ ‘Eu tenho um amante! um amante!’ , deleitando-se com essa ideia como com a de outra puberdade que lhe tivesse advindo. Ia finalmente possuir aquelas alegrias do amor, aquela febre da felicidade de que já tinha perdido as esperanças. Estava entrando em algo maravilhoso onde tudo seria paixão, êxtase, delírio; uma imensidão azulada a envolvia, os píncaros do sentimento faiscavam sob o seu pensamento, e a existência ordinária apenas aparecia ao longe, lá embaixo, na sombra, entre os intervalos daquelas alturas.” (p. 262, 263).

abandonam. Rodolphe percebe um certo exagero nas maneiras de Emma e se dá conta de que o relacionamento está sendo conduzido a uma direção que não lhe agrada, por isso, muda suas próprias maneiras.

Les apparences, néanmoins, étaient plus calmes que jamais, Rodolphe ayant réussi à conduire l'adultère selon sa fantaisie ; et, au bout de six mois, quand le printemps arriva, ils se trouvaient, l'un vis-à-vis de l'autre, comme deux mariés qui entretiennent tranquillement une flamme domestique.⁷⁴

[...]

Mais, avec cette supériorité de critique appartenant à celui qui, dans n'importe quel engagement, se tient en arrière, Rodolphe aperçut en cet amour d'autres jouissances à exploiter. Il jugea toute pudeur incommode. Il la traita sans façon. Il en fit quelque chose de souple et de corrompu. C'était une sorte d'attachement idiot plein d'admiration pour lui, de voluptés pour elle, une béatitude qui l'engourdissait ; et son âme s'enfonçait en cette ivresse et s'y noyait, ratatinée, comme le duc de Clarence dans son tonneau de malvoisie.⁷⁵

Com isso, Rodolphe foge dessa relação que não traz mais muitos benefícios para si, e abandona Emma. Algo semelhante acontece com Léon. De início, ele estava encantado com ela, e de certa maneira, também experimentava sensações e sentimentos descritos nos livros que havia lido.

Il savourait pour la première fois l'inexprimable délicatesse des élégances féminines. Jamais il n'avait rencontré cette grâce de langage, cette réserve du vêtement, ces poses de colombe assoupie. Il admirait l'exaltation de son âme et les dentelles de sa jupe. D'ailleurs, n'était-ce pas *une femme du monde*, et une femme mariée ! une vraie maîtresse enfin ?

Par la diversité de son humeur, tour à tour mystique ou joyeuse, babillarde, taciturne, emportée, nonchalante, elle allait rappelant en lui mille désirs, évoquant des instincts ou des réminiscences. Elle était l'amoureuse de tous les romans, l'héroïne de tous les drames, le vague *elle* de tous les volumes de vers. [Grifos do autor].⁷⁶

⁷⁴ FLAUBERT, op. cit., p. 242.

“As aparências, entretanto, estavam mais calmas do que nunca, tendo Rodolphe conseguido conduzido o adultério segundo a sua fantasia; e ao cabo de seis meses, quando chegou a primavera, eles se encontravam, um em relação ao outro, como dois casados que cultivam tranquilamente uma chama doméstica.” (p. 272).

⁷⁵ FLAUBERT, op. cit., p. 266.

“Mas, com essa superioridade de crítica pertencente a quem, em qualquer relação, se mantém com um pé atrás, Rodolphe percebeu nesse amor outros prazeres a explorar. Julgou todo pudor incômodo. Tratou-a sem cerimônia. Fez dela algo maleável e corrompido. Era uma espécie de apego idiota pleno de admiração para ele, de volúpias para ela, uma beatitude que a entorpecia; e a sua alma se afundava nessa embriaguez e nela se afogava, encarquilhada, como o duque de Clarence em seu tonel de malvasia.” (p. 296).

⁷⁶ FLAUBERT, op. cit., p. 350.

“Ele saboreava pela primeira vez a inexprimível delicadeza das elegâncias femininas. Nunca tinha encontrado essa

Porém, Léon não se deixa iludir por sua imaginação. Diferente de Emma, Léon é um leitor que se dá conta da tensão que existe entre ficção e realidade, e escolhe viver sob a égide dessa última. Logo que percebe um comportamento perigoso em sua amante, trata de encerrar o caso, mesmo tendo sentimentos por ela. Ela o irrita. A razão lhe fala mais alto. Outrora tão cheio de admiração por Emma, agora, extremamente desiludido, também decide abandoná-la.

Il n'osait lui faire des questions ; mais, la discernant si expérimentée, elle avait dû passer, se disait-il, par toutes les épreuves de la souffrance et du plaisir. Ce qui le charmait autrefois l'effrayait un peu maintenant. D'ailleurs, il se révoltait contre l'absorption, chaque jour plus grande, de sa personnalité. Il en voulait à Emma de cette victoire permanente. Il s'efforçait même à ne pas la chérir.⁷⁷

[...]

Léon enfin avait juré de ne plus revoir Emma ; et il se reprochait de n'avoir pas tenu sa parole, considérant tout ce que cette femme pourrait encore lui attirer d'embarras et des discours, sans compter les plaisanteries de ces camarades, qui se débitaient le matin, autour du poêle.⁷⁸

Nesse ponto, Léon renuncia não somente ao amor por Emma, mas também a tudo que remetia ao romanesco: sua flauta, os sentimentos exaltados, a imaginação, as imensas paixões e altos empreendimentos... Tudo isso a fim de tornar-se sério. Contudo, essa nova separação não atinge Emma como as anteriores. Ela própria buscava uma maneira de se livrar do amante, pois, como sempre, o tédio já a havia alcançado novamente. Tudo lhe era tedioso desde o começo. Quando Charles lhe pede em casamento, é a sensação de tédio que a faz aceitar a proposta, pois quando o viu pela primeira vez, “ela se considerava muito desiludida, não tendo mais nada para aprender, nem tendo de sentir mais nada”. Mas, por sentir qualquer coisa que fosse, mesmo a

graça de linguagem, essa reserva da roupa, essas poses de pomba adormecida. Admirava a exaltação de sua alma e as rendas de sua saia. Aliás, acaso não era uma mulher do mundo, e uma mulher casada! Uma verdadeira amante enfim?

Pela diversidade de seu humor, ora místico, ora alegre, tagarela, taciturno, exaltado, sossegado, ela ia recordando a ele mil desejos, evocando instintos ou reminiscências. Ela era a apaixonada de todos os romances, a heroína de todos os dramas, o vago ela de todos os volumes de versos.” [Grifos do autor] (p. 382).

⁷⁷ FLAUBERT, op. cit., p. 370.

“Ele não ousava fazer-lhe perguntas; mas, discernindo-a tão experimentada, ela devia ter passado, dizia ele consigo, por todas as provas do sofrimento e do prazer. O que o encantava outrora espantava-o um pouco agora. Aliás, ele revoltava-se contra a absorção, cada dia maior, de sua personalidade. Tinha raiva de Emma por essa vitória permanente. Esforçava-se até para não mais gostar dela”. (p. 402).

⁷⁸ FLAUBERT, op. cit., p. 378.

“Léon finalmente jurara nunca mais encontrar-se com Emma; e se censurava por não ter cumprido a palavra, considerando tudo o que aquela mulher ainda poderia atrair-lhe de confusões e de discursos, sem contar os gracejos de seus colegas, que eram feitos de manhã, ao pé da lareira.” (p. 410).

irritação que Charles lhe causava, achou que isso era estar apaixonada. Enquanto Charles ruminava a felicidade conjugal do pós-casamento, ela já sentia-se enfadada com sua nova realidade. Considerava o marido chato, enfadonho, e pequeno acerca de assuntos que os homens deveriam saber, enquanto ele a admirava em tudo e isso era o suficiente para ele ser feliz. Até o amor que julgava sentir pelos amantes foi consumido pelo tédio, pois ela tratava os casos amorosos da mesma maneira que tratava o casamento. O esvaziamento chega a tal ponto que nenhuma de suas atividades desperta sua atenção, nem mesmo a leitura de seus romances.

Certo dia, quando voltava de um encontro com Léon, avistou os muros do convento onde estudou e lembrou-se dos “inefáveis sentimentos do amor que tentava, segundo os livros, imaginar!” Achou-se infeliz como nunca antes. Mas Emma tem uma verdadeira atração pelo sofrimento, uma admiração por mulheres ilustres e infortunadas. Era movida pela emoção. E encontra um final à altura de suas musas. Não abandona nenhuma de suas ilusões, mesmo em seu leito de morte, quando de maneira teatral, comete suicídio. Para Emma, o amor é, sobretudo, arrebatamento.

CONCLUSÃO

Nos romances, a representação de personagens leitoras ganha mais importância em meados do século XIX e, até hoje, Emma Bovary é conhecida como a leitora mais célebre da literatura francesa, dando origem ao termo que define a condição ilusória de certos espíritos românticos conhecida como Bovarismo. Jules de Gaultier acreditava que poderia existir sociedades inteiras de indivíduos que padeciam desse pendor pseudo-romântico da realidade, como por exemplo a classe burguesa que desejava e se esforçava por viver conforme os padrões ditados pelos critérios aristocráticos. No caso de Emma, podemos entender que ela sofre pelo modelo de educação literária que recebe, pois, pertencendo a uma classe inferior e casando-se com um igual, como poderia ascender à nobreza e encontrar a felicidade que buscava no conteúdo de suas leituras?

A leitura de textos literários, em especial de romances, apesar de ser algo que lhe confere alguma instrução, aproxima-a da figura conhecida na literatura francesa como “*précieuse ridicule*”. Na verdade, Emma está mais para a representação da figura da “leitora em perigo”, pois, suas leituras, compostas por materiais de livre escolha, com o intuito de apenas se entreter, uma leitura sonhadora buscando a identificação com as personagens, sem uma companhia para trocar ideias, geram apenas a perdição da personagem, no sentido de não encontrar seu lugar no mundo, conduzindo-a para longe da sabedoria ou de uma melhor compreensão sobre si mesma e sobre a vida.

Vale lembrar que Flaubert não inventa a personagem da leitora romanesca, mas, como afirma Aragon (2004), ele sintetiza as ideias recebidas sobre a leitura feminina, nesta personagem. Emma acumula uma série de fatores que só poderiam conduzi-la a um fim trágico: leituras desaconselháveis de romances, da adolescência à fase adulta, mesmo depois de casada; leitura em segredo, no convento, e na companhia de um jovem senhor que não é seu marido, expondo-a ao perigo de haver identificação entre os dois, mais do que seria conveniente entre um homem e uma mulher de sua época; além do desejo de se assemelhar às heroínas de suas leituras. Emma comete adultério, abandona os afazeres domésticos, a filha e o marido, e ainda arruína a família com seus gastos excessivos. Suas atitudes demonstram que não encontrou a felicidade que procurava, porém amou mais si mesma que a outros. Amou mais o simples ato de ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Diferentes formas de ler*. 2002. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 10 abr. 2015.

_____. *Os caminhos dos livros*. São Paulo: Fapesp, 2003.

AGUIAR E SILVA, Vitor M. de. O romance: História e sistema de um gênero literário. In: *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

ARAGON, Sandrine. *Les images de lectrices dans les textes de fiction français du milieu du XVIIe siècle au milieu du XIXe siècle*. Cahiers de Narratologie, 2004. p. 2. Disponível em: <http://narratologie.revue.org/6>. Acesso em: 23 mai. 2015.

BAUER, Carlos. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Editora Xamã, 2001.

CAMARGO, Katia Aily Franco de. A imagologia e seus teóricos. In: *Labirinto*. Revista eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:riI7r_ZLD8sJ:www.cei.unir.br/artigo92.html+imagologia&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 12 nov. 2014.

_____. *A Revue des deux mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARPEAUX, Otto Maria. Madame Bovary. IN: *Madame Bovary*. Gustave Flaubert. Tradução de Sérgio Duarte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Consultado na Revista Banzeiro. Disponível em: <http://banzeirotextual.blogspot.com.br/2009/08/otto-maria-carpeaux.html>. Edição de 21 Ago. 2009. Acesso em: 18 ago. 2015.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. Vol.1. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *História da leitura no mundo ocidental*. Vol.2. São Paulo: Ática, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

_____. *O mundo como representação*. Estud. av., São Paulo, v.5, n.11, apr. 1991. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141991000100010&lng=en&nr m=iso. Acesso em: 12 nov. 2013.

_____. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. *Leituras e leitores na França d Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2003.

COLASANTE, Renata C. *A leitura e os leitores em Jane Austen*. São Paulo: 2005. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/renata.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2014. (Dissertação)

DARNTON, Robert. *Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica*. IN: O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1995, vol.3.

_____. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1995, vol.4.

DUMAS, Alexandre. *La Tour de Nesle*. Paris: Porte-Saint-Martin, 1832. Disponível em: gallica.bnf.fr. Acesso em: 10 jan. 2016.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary: costumes de província*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. *Madame Bovary: mœurs de province*. Paris: Gallimard, 2001.

GENGEMBRE, Gérard. *Gustave Flaubert: Madame Bovary*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções, 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *A era do capital, 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HOSSNE, Andrea Saad. *Bovarismo e romance: Madame Bovary e Lady Oracle*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KRASNOPOLSKA, Zuzanna. *Lectures d'Emma Bovary et Teresa Uzeda: deux cas de boulimie littéraire*. 2010. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr/article.php?id=5>. Acesso em: 06 jun. 2015.

LAMARTINE, Alphonse de. *Le Lac*. Disponível em: <http://trapichedoutros.blogspot.com.br/2014/08/le-laco-lago-de-lamartine.html>. Acesso em 23 ago. 2015.

LECLERC, Yvan. *Crimes écrits. La littérature en procès au XIXe siècle*. Paris: Plon, 1991.

_____. *Histoire du texte dans l'édition de Claudine Gothot-Mersch*. Paris: Garnier, 1971, p. 359-364.

LYON-CAEN, Judith. *La lecture et la vie: les usages du roman au temps de Balzac*. Paris: Tallandier, 2006.

_____. *Histoire littéraire et histoire de la lecture*. Disponível em: https://www.cairn.info/article_p.php?ID_ARTICLE=RHLF_033_0613. Acesso em: 23 ago. 2015.

MACHADO, Álvaro Manuel & PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. 2ed. rev. aum. Lisboa: Presença, 2001.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MICHELET, Jules. *La femme*. Paris: Hachette, 1860.

MIQUEL, Pierre. *Histoire de la France: de Vercingétorix à Charles de Gaulle*. Paris: Libraire Arthème Fayard, 1976.

MORAIS, Maria A. C. de. *A leitura de romances no século XIX*. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200005. Acesso em: 26 ago. 2014.

MÜLLER, Andréa. *De romance imoral a obra-prima: trajetórias de Emma Bovary*. Campinas: 2012. (Tese)

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

PINARD, Ernest. Requisitório do Sr. Advogado Imperial. In: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Costumes de província. Tradução, apresentação e notas de Flúvia Moretto. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

SAINT-PIERRE, Bernardin de. *Paul et Virginie*. Paris: Flammarion, 1992.

_____. *Paulo e Virgínia*. São Paulo: Ícone, 1986.

SAMPAIO, Isabel S. *Ema Bovary, leitora de romances*. 2002. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/ISS-EmaBovary.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2015.

SCOTT, Walter. *The Bride of Lammermoor*. London: Project Gutenberg, 2006.

_____. *A noiva de Lammermoor*. Lisboa: Edições Romano Torres, 1966.

STENDHAL. *O vermelho e o negro*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

VARGAS LLOSA, Mario. *A orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

VASCONCELOS, Sandra G. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. *A formação do romance inglês: Ensaaios teóricos*. São Paulo: Fapesp, 2007.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ANEXOS

Anexo 1:

Alphonse de LAMARTINE

Le lac (1820)

Ainsi, toujours poussés vers de nouveaux rivages,
Dans la nuit éternelle emportés sans retour,
Ne pourrons-nous jamais sur l'océan des âges
Jeter l'ancre un seul jour?

Ô lac! l'année à peine a fini sa carrière,
Et près des flots chéris qu'elle devait revoir,
Regarde! je viens seul m'asseoir sur cette pierre
Où tu la vis s'asseoir!

Tu mugissais ainsi sous ces roches profondes,
Ainsi tu te brisais sur leurs flancs déchirés,
Ainsi le vent jetait l'écume de tes ondes
Sur ses pieds adorés.

Un soir, t'en souvient-il? nous voguions en silence;
On n'entendait au loin, sur l'onde et sous les cieux,
Que le bruit des rameurs qui frappaient en cadence
Tes flots harmonieux.

Tout à coup des accents inconnus à la terre
Du rivage charmé frappèrent les échos;
Le flot fut attentif, et la voix qui m'est chère
Laissa tomber ces mots:

« Ô temps! suspends ton vol, et vous, heures propices!
Suspendez votre cours:
Laissez-nous savourer les rapides délices
Des plus beaux de nos jours!

« Assez de malheureux ici-bas vous implorent,
Coulez, coulez pour eux;
Prenez avec leurs jours les soins qui les dévorent;
Oubliez les heureux.

« Mais je demande en vain quelques moments encore,
Le temps m'échappe et fuit;
Je dis à cette nuit: Sois plus lente; et l'aurore

Va dissiper la nuit.

« Aimons donc, aimons donc! de l'heure fugitive,
Hâtons-nous, jouissons!
L'homme n'a point de port, le temps n'a point de rive;
Il coule, et nous passons! »

Temps jaloux, se peut-il que ces moments d'ivresse,
Où l'amour à longs flots nous verse le bonheur,
S'envolent loin de nous de la même vitesse
Que les jours de malheur?

Eh quoi! n'en pourrions-nous fixer au moins la trace?
Quoi! passés pour jamais! quoi! tout entiers perdus!
Ce temps qui les donna, ce temps qui les efface,
Ne nous les rendra plus!

Éternité, néant, passé, sombres abîmes,
Que faites-vous des jours que vous engloutissez?
Parlez: nous rendrez-vous ces extases sublimes
Que vous nous ravissez?

Ô lac! rochers muets! grottes! forêt obscure!
Vous, que le temps épargne ou qu'il peut rajeunir,
Gardez de cette nuit, gardez, belle nature,
Au moins le souvenir!

Qu'il soit dans ton repos, qu'il soit dans tes orages,
Beau lac, et dans l'aspect de tes rians coteaux,
Et dans ces noirs sapins, et dans ces rocs sauvages
Qui pendent sur tes eaux.

Qu'il soit dans le zéphyr qui frémit et qui passe,
Dans les bruits de tes bords par tes bords répétés,
Dans l'astre au front d'argent qui blanchit ta surface
De ses molles clartés.

Que le vent qui gémit, le roseau qui soupire,
Que les parfums légers de ton air embaumé,
Que tout ce qu'on entend, l'on voit ou l'on respire,
Tout dise: Ils ont aimé!

Anexo 2:

O lago

(Tradução de Wagner Mourão Brasil)

Assim, sempre impelidos rumo a novas beiras,
Pela noite eterna levados sem cessar,
Nem por um dia no oceano das eras
Iremos ancorar?

Ó lago! Depois de um ano ainda mal passado,
Junto às diletas ondas que ela reveria,
Veja! vim assentar-me só neste rochedo
Em que a avistaste um dia.

Assim bramias sobre essas rochas profundas;
Assim quebravas sobre os costados rompidos;
Assim o vento lançava a espuma das ondas
Sobre seus pés queridos.

Certa noite, lembras? ao vagarmos calados,
Ouvia-se à distância, entre as ondas e o céu,
O som dos remos tocando as águas ritmados,
Em murmúrio agradável.

De repente, sotaques estranhos à terra
Percutiram seus ecos nas beiras formosas;
A onda pôs-se atenta, e a voz que me é tão cara
Proferiu estas palavras:

Tempo!, cessa teu voo! vós, horas propícias,
Suspendei a correria:
Deixai-nos desfrutar as fugazes delícias
Do nosso melhor dia!

Os miseráveis desta terra a vós imploram:
Fluí, fluí por eles;
Levai com seus dias os zelos que os devoram,
Esquecei dos felizes.

Mas em vão peço ao tempo um só instante por ora,
Ele escapa-me e parte;
Eu digo a esta noite: sê mais vagarosa; e a aurora
Vai dissipar a noite.

Amemos pois, amemos pois! as horas fogem,
Corramos, desfrutemos!
O homem nunca tem um porto; o tempo, uma margem;
Ele flui, nós passamos!

Tempo cioso, momentos de embriaguez,
Em que o amor em torrentes traz contentamento,
Podem voar distantes com a rapidez
Dos dias de tormento?

O quê! não nos sobrarão ao menos uma mostra?
Quê! para sempre passado? tudo é perdido?
Esse tempo que os doa, esse tempo que os tira,
Os manterá retidos?

Eternidade, nada, passado, ermo abismo,
Que fizestes dos dias que vós consumistes?
Dizei-nos: devolvereis os sublimes mimos
Que de nós arrancastes?

Ó lago! rochas mudas! grutas! mata escura!
Vós, que o passar dos anos conserva ou remoça,
Guardai desta noite, guardai, bela natura,
Ao menos a lembrança!

Que esteja em tuas procelas e quietudes,
Belo lago, e nas tuas risonhas montanhas,
Nos teus negros pinheiros e rochedos rudes
Que pendem sobre as águas.

Que esteja no zéfiro que ressoa e vai-se,
Nos sons que de margem a margem repercutes,
No astro de luz argêntea que te embranquece
Com suas claridades.

Que o vento que geme, o caniçal que suspira,
Que os aromas leves que teus ares dispersam,
Que tudo o que se escuta, se vê ou se respira,
Tudo diga: se amaram!